

Natureza e Cultura
Super Flowers
Paisagens Cariocas

2005 - 2019

Augusto Herkenhoff

ZAGUT

2019





Este catálogo pretende pincelar três séries da obra de Augusto Herkenhoff construídas principalmente ao longo da última década. O artista, durante toda sua carreira de mais de três décadas de atividade artística contínua, constante e intensa, se vale de séries que também atuam em conjunto como uma única obra, com suas partes tão parecidas e díspares ao mesmo tempo, cuja soma vale mais que a individualidade de cada uma delas.

Olhares diferentes se debruçaram sobre o artista e essa amostragem de sua obra de forma generosa, possibilitando mil e uma possibilidades e provocando o pensamento do espectador. O de um curador que o conhece de longa data, Fernando Cocchiarale. Artistas que namoram com a curadoria, amigos de longa, média e curta data, traçam suas reflexões: respectivamente Clarisse Tarran, André Sheik e Bianca Bernardo. Importantes e queridas figuras da área da Museologia, profundos conhecedores dos caminhos da arte em nosso meio, Luiz Carlos Borges e Nilson Moraes.

As três séries apresentadas, “Super Flowers”, “Paisagens Cariocas” e “Natureza e Arte”, têm em comum o diálogo com o tempo vivido hoje e seu impacto na natureza, não como uma bandeira ecológica, mas como uma reflexão do papel nas vidas vividas por cada um de nós. Ao conversar com o artista, mais alguns pontos vão se edificando. Sobre as “Super Flowers”, refere que ao ver obras de Guignard com vasos de flores lhe pareceu que, além de muito bonitos e de ser uma composição clássica de muitos grandes mestres, refletiam a cultura na qual a obra está inserida. Camadas de tinta, onde aparecessem todas as cores e tons possíveis, pelo menos 30, chegando a 50 muitas vezes representam os ataques realizados à natureza, esse recurso limitado, por ignorância e por ganância, ficando cada vez mais difícil ver as flores. A infinidade de cores também representa o quão banal a natureza parece ser, porém com um ciclo extremamente refinado.

A série “Natureza e Cultura” começa com a ideia de civilizar o “selvagem”, usando como narrativa os planos, as linhas, os pontos, as manchas, trazendo a natureza para um plano racional. Brinca com o contraponto do racional de forma irracional. E lembra que o racional pode ser usado para a proteção dessa natureza. Não há perspectiva, já que não se trata de uma ilustração clássica, mas de uma ideia, nascida da leitura de notícia sobre ursos panda recém-nascidos e a expectativa de que saíssem do risco de extinção. Entre os diversos animais representados, uma girafa foi usada como capa do livro de Manduca Simões, dando corpo à protagonista branca e alta, mantendo essa troca de identidade entre nós, mamíferos - seja bicho, seja homem.

E as “Paisagens Cariocas” começam no colecionismo de postais, quando tinha a impressão que as ilustrações de navios da era vitoriana davam a sensação de nostalgia, de um tempo mais “perfeito”...de quando a pressão do homem sobre a natureza era mais tênue. O navio escoando em águas claras se uniu ao enamoramento pelas flores caídas do Nascimento da Vênus de Botticelli e da extensa pesquisa botânica que o mesmo realizou para A Primavera. A partir daí, um ícone que simboliza a enorme força da natureza, como o próprio mar, associado ou não a outro, como por exemplo o Pão de Açúcar, que tão fortemente representa a linda natureza carioca; se junta a flores que chovem, representando a fragilidade imensa delas tão belas mas que rapidamente morrerão, refletindo esse descaso implícito nas toneladas de lixo de todo tipo na Baía da Guanabara, que apesar disso resiste com sua vida marinha, ainda meio de subsistência para inúmeros pescadores.

DIVERSAS - Augusto Herkenhoff

A obra de Augusto diverge, tanto no modo pelo qual é produzida, quanto em seus resultados, da clareza e da ordem intrínsecas à produção conceitual ou à economia legada pela minimal, comum a muitos artistas contemporâneos. Eles talvez tenham maior aceitação e trânsito na arte brasileira do que Herkenhoff, pois a limpa economia de suas obras corresponde, certamente, a alguns dos mais caros hábitos estéticos cultivados no Brasil, desde o sucesso histórico do construtivismo.

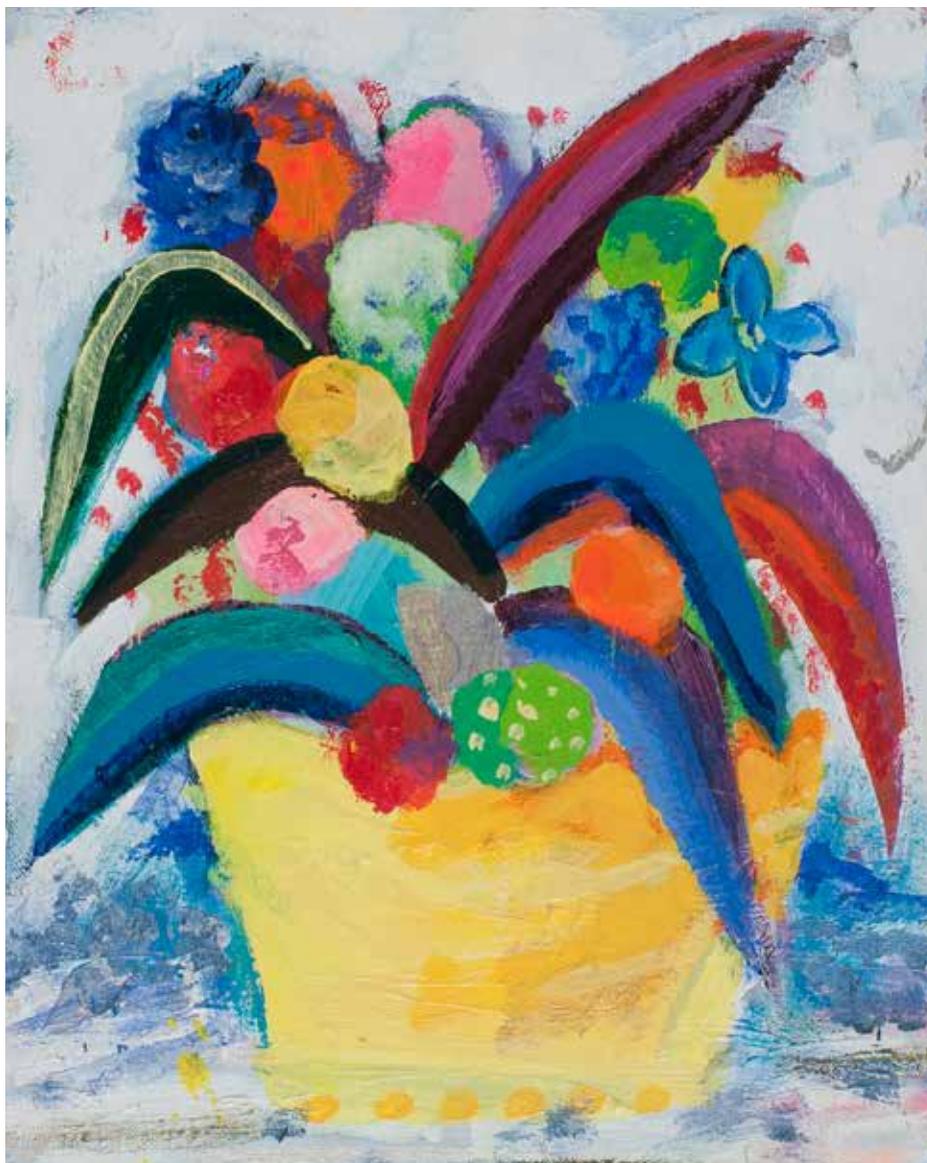
Próxima pela fatura e, em alguns momentos, pela temática, às raízes do expressionismo, a pintura de Augusto não pode ser, contudo, reduzida a uma nostalgia. Seu trabalho transborda essas referências históricas e, trilhando um dos caminhos possíveis para a renovação da pintura brasileira atual, procura na concentração, no contágio e no campo simbólico a contemporaneidade que o distingue de repertórios passados. Uma série de pinturas de Herkenhoff, selecionada para integrar a presente mostra é a da Chuva de Rosas, quando Augusto produz um espaço constelar...o mar aberto,...um vapor antigo (Fellini?)...a superfície da tela ao longo do qual chovem rosas vermelhas..

...A sedutora série Vasos com Flores. Embora sob a órbita da tradição inaugurada pelas naturezas-mortas holandesas desde o século XVII e, por isso mesmo, de composição mais convencional, podemos ver também nessas pinturas o papel especial do fragmento, de sua dispersão pelo quadro, na formação dos espaços constelares que marcam parte significativa da produção do artista. Ainda que contidas em vasos, as flores funcionam com uma lógica semelhante à das silhuetas e das rosas, já que formam uma rede de inegável força icônica, rede que não só torna viável o sistema e o método de pintar de Augusto Herkenhoff, como também torna visível seu imaginário.

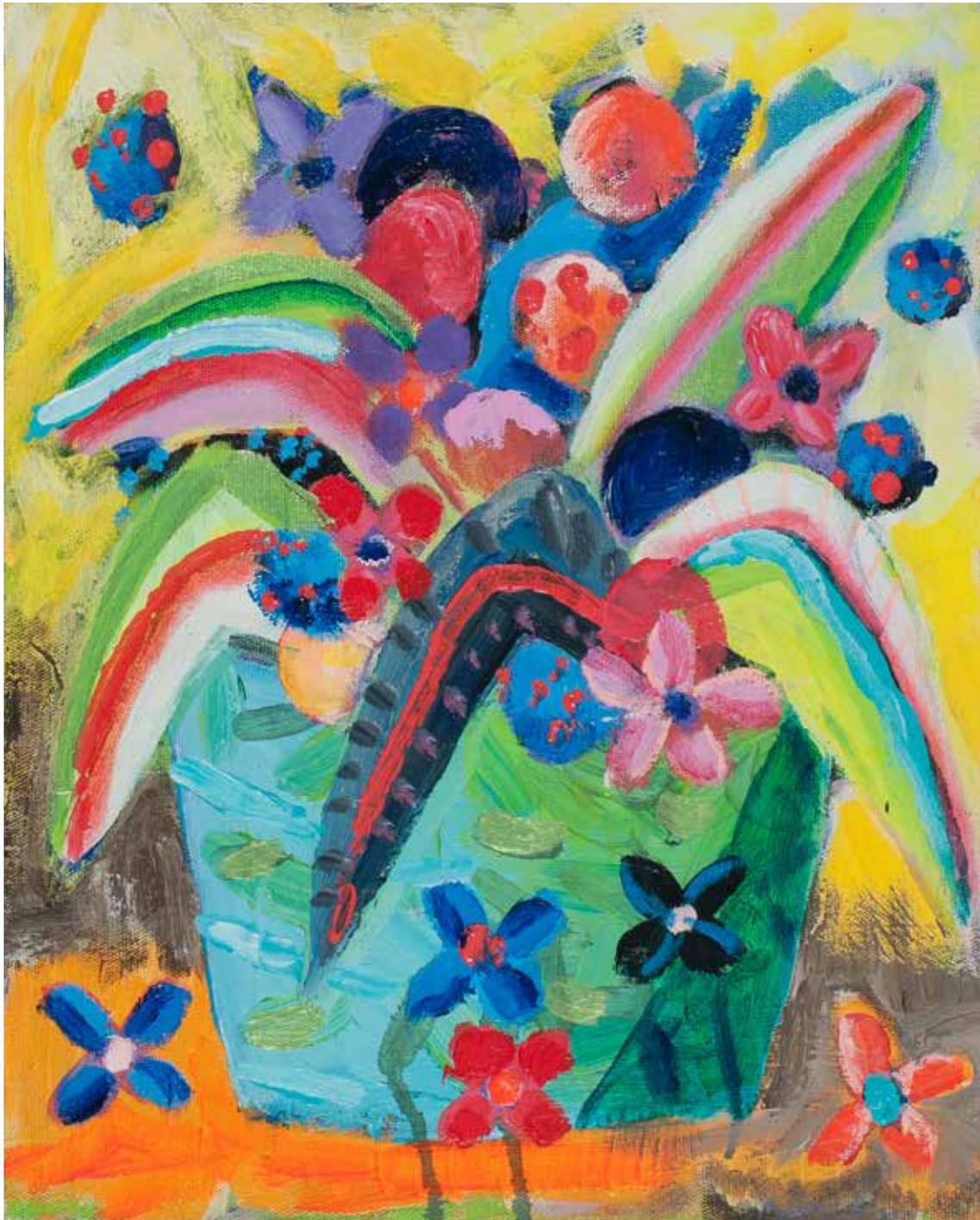
Para Augusto Herkenhoff as...telas da série...compõe um único trabalho. Pensados como instalação, esses quadros não funcionariam, separadamente, com a mesma força que possuem quando reunidos, pois seu conjunto foi concebido para potencializar as qualidades de cada pintura. O acúmulo aqui proposto pelo artista é, portanto, intencional e estratégico: a intensidade dramática do ambiente por ele criado decorre da concentração de cores e de imagens que impregnam e contaminam a exposição.

Fernando Cocchiarale

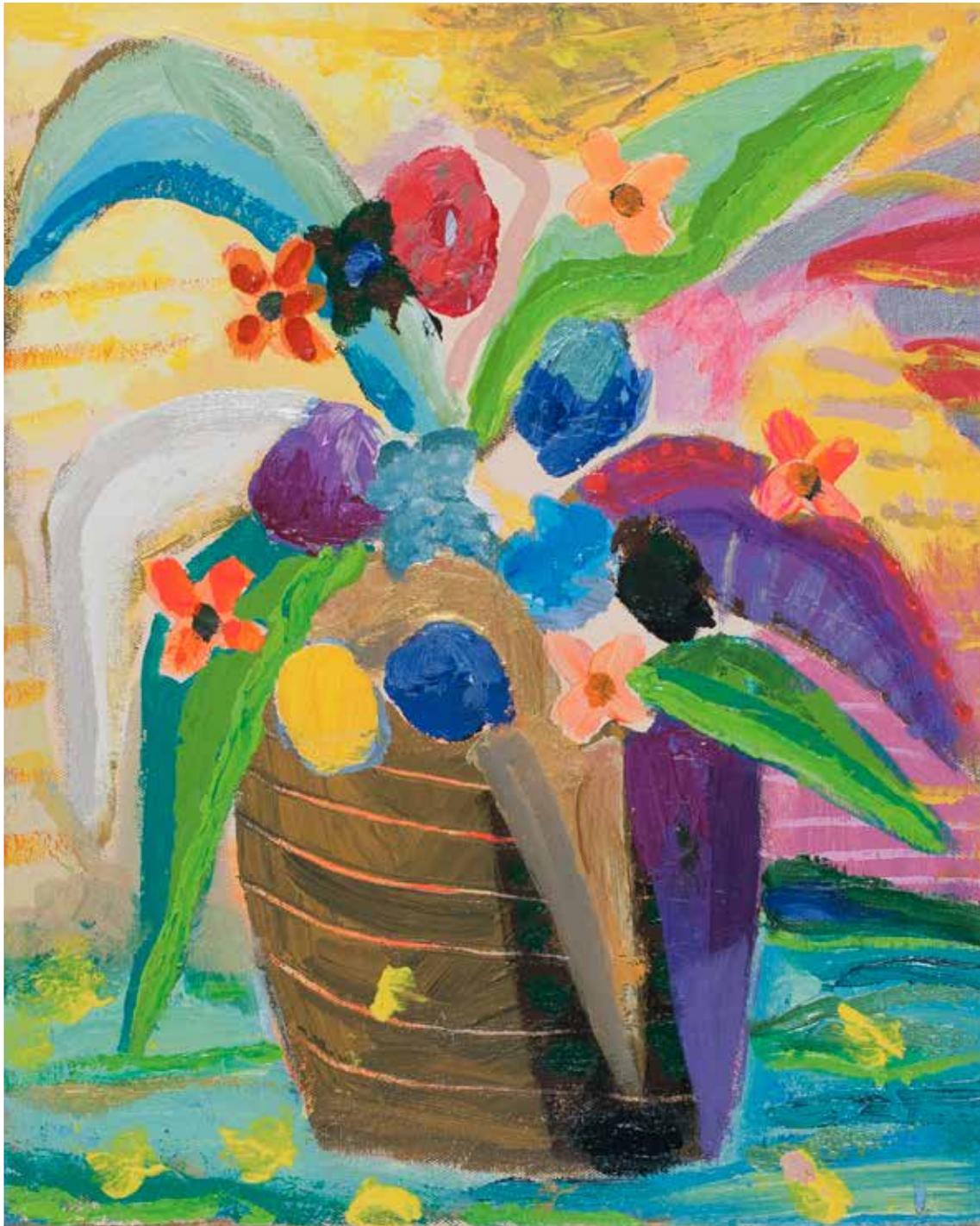
série Super Flowers



Hot
acrílica sobre tela
42 x 34 cm
2013



Alegria
acrílica sobre tela
42 x 34 cm
2012



Aéreo
acrílico sobre tela
42 x 34 cm
2013



Muqui
acrílica sobre tela
42 x 34 cm
2013



Sete dias
acrílica sobre tela
42 x 34 cm
2014



Magia
acrílica sobre tela
31 x 31.5 cm
2013

Uma Pausa Augusta

FLOR

A pedra.
A pedra no ar, que segui.
Teu olho, tão cego como a pedra.

Éramos
mãos,
esvaziamos a escuridão, encontramos
a palavra, que ascendia o verão:
flor.

Flor — uma palavra de cegos.
Teu olho e meu olho:
procuram
água.

Crescimento.
O coração: de parede a parede
se forma.
Uma palavra ainda, como esta, e os
martelos
vibram ao ar livre.

BLUME

Der Stein.
Der Stein in der Luft, dem ich folgte.
Dein Aug, so blind wie der Stein.

Wir waren
Hände,
wir schöpften die Finsternis leer, wir
fanden
das Wort, das den Sommer heraufkam:
Blume.

Blume — ein Blindenwort.
Dein Aug und mein Aug:
sie sorgen
für Wasser.

Wachstum.
Herzwand um Herzwand
blättert hinzu.

Ein Wort noch, wie dies, und die Hämmer
schwingen im Freien.

Paul Celan, em “Cristal”
[Tradução Claudia Cavalcante]
São Paulo: Iluminuras, 1999.

Permitam-me iniciar essa pequena leitura da obra de um pintor amigo com poesia contundente. Creio ser pertinente entrelaçamento.

Em “Flor”, o poeta e ensaísta romeno, Paul Celan (1920-1970) nos carrega para esse lugar da poesia onde a palavra se estende além do significante. Qualquer leitura ligeira levará a algum lugar, mas apenas a pausa acessará a chave para outros significados; onde a metáfora é encruzilhada e dobra; objeto é ação; ação é sobra. Tudo é, nada está, tudo está, nada permanece, tangível, inacessível, impermanente.

Nesta exposição algumas obras nos parecem claras ao primeiro olhar. Em um arroubo, em um piscar, em um instante “Gestaltiano”, pensamos que as apreendemos, as dominamos. Na obra de Augusto porém há outro caminho, há extenso percurso. Sim, você poderá parar em leitura ligeira, mas um passo adiante se oferece, e estará então diante de ampliadas narrativas, à escolha, especificamente neste sítio onde o artista lida com elementos recorrentes e cotidianos, vencendo o imenso desafio de ser um pintor autoral contemporâneo.

Um navio a vapor, de outro século, adentra uma baía impossível. A paisagem carioca é relativamente absurda, como aliás é a vida ali. Peixes sobrevoam a superfície da água, ou viriam dos céus? Flores levitantes se transformam em espinhas de seres antes aquáticos. Peixes flutuam no ar, como sereias primitivas, cuja outra metade é pássaro, aqui apenas sugeridos pela ação do vôo, que também é queda. Estas “cortinas” de eventos improváveis que se desenrolam em primeiro plano, diante de paisagens quase verídicas ao fundo, nos trazem de uma só vez Alberto da Veiga Guignard e Marc Chagall, tanto em sua construção estrutural, quanto na atmosfera mágica desses dois mestres da pintura. Guignard e suas montanhas cujas igrejinhas emergem da terra para o céu com balões coloridos cheios de ar e fogo, tal qual estes navios a vapor de outros tempos em Augusto e suas flores e peixes que trazem vida ao peso da imagem panorâmica, estática, retrato de um tempo, instante-icônico, como os amantes de Chagall pairando acima da memória e da cidade que dorme.

Em **Paisagens Cariocas**, a paleta e a simplicidade ilusória de suas figuras podem remeter o observador ao naïf. De certo que a referência estética está correta no descompromisso com a representação fiel da realidade e perspectiva, na brincadeira com os planos, nas cores aleatórias e intensas e outros. A brasilidade contida na representação pode afirmar melhor esta impressão. A experiência pictórica e a liberdade de experimentação do pintor não se descolam dessa série e assim chegamos aos vasos de flores dentro dessas casas “atávicas”.

Augusto não parece pintar flores colhidas. Suas flores não estão em jarros e arranjos. Estão em vasos tradicionalmente usados para o plantio na terra, não para a água. Estão vivas. São simples e explosivas. São flores de pinceladas, pontos, figuras quase geométricas, assim como esses vasos como pequenos campos de cor, às vezes cascos, outras apenas receptáculos, planos, pouso, e outros tanto que viram flor, se dissolvem, quase um nada dentro da composição. As folhas ora mais trabalhadas que as pétalas, ora entremeio para as flores-frutas-sementes são sempre do mesmo formato. Funcionam como um cinza quando amalgama os outros elementos. Nesta série de Vasos de Flor as cores afirmam aquela citada brasilidade, de nosso folclore, nosso artesanato, de nossas festas populares, como as bandeirinhas de Alfredo Volpi. A luz tropical nada filtrada não esconde as lições de Matisse nem a ironia ou a obsessão na repetição de Andy Wharrol. Mas no conjunto da obra podemos afirmar, **Super Flowers** são questões pictóricas organizadas “em flor”.

Para quem acompanha o artista, estas séries são um momento diferenciado em seu trajeto. Tanto quanto sua personalidade sagaz e sarcástica, a pintura de Augusto sempre trouxe questões ligadas a sua fina e contundente inteligência, com questionamentos do ser artista, estar artista, viver como artista. Se em outro momento as flores preencheram postais por sobrevivência, Augusto jamais deixou a realidade do sistema das artes sufocar seu sofisticado trabalho. Suas selfies pictóricas onde o monograma AH! ocupa sua face repetida incansavelmente nas telas nos cutuca e provoca aquele riso nervoso que ele tanto adora constatar.

E para finalizar, estamos diante destes bichos leitores, **Natureza e Cultura**. Coelho, pavão, urso, onça, raposa.. em dimensões variáveis é impossível olhar esse grupo e não pensar em A Revolução do Bichos de George Orwell, esse político conto de fadas. Diferente dos animais do Jogo de Azar do Bicho, repetidamente retratados na arte popular, estes se tornam cultos e a julgar pelo seu entorno, vestes e capas, estão como que contaminados com a história que lhes entra pelos olhos. Há certa alegria e pureza nestas imagens, os bichos são veículos, ouvintes e personagens. Aqui Augusto é pai, é amoroso e brinca com o imaginário e ainda assim, há algum incerto comentário no ar.

Este é um artista que sempre ri por último e se reinventa simultaneamente, um provocador nato e extremamente fundamental ao cenário da pintura nacional.

Clarisse Tarran



13 pontos
acrílica sobre tela
34 x 34 cm
2013

Chico Caruso
acrílica sobre tela
42 x 34 cm
2012







Hélio Oiticica
acrílica sobre tela
31 x 31 cm
2013

Swing
acrílica sobre tela
42 x 34 cm
2010



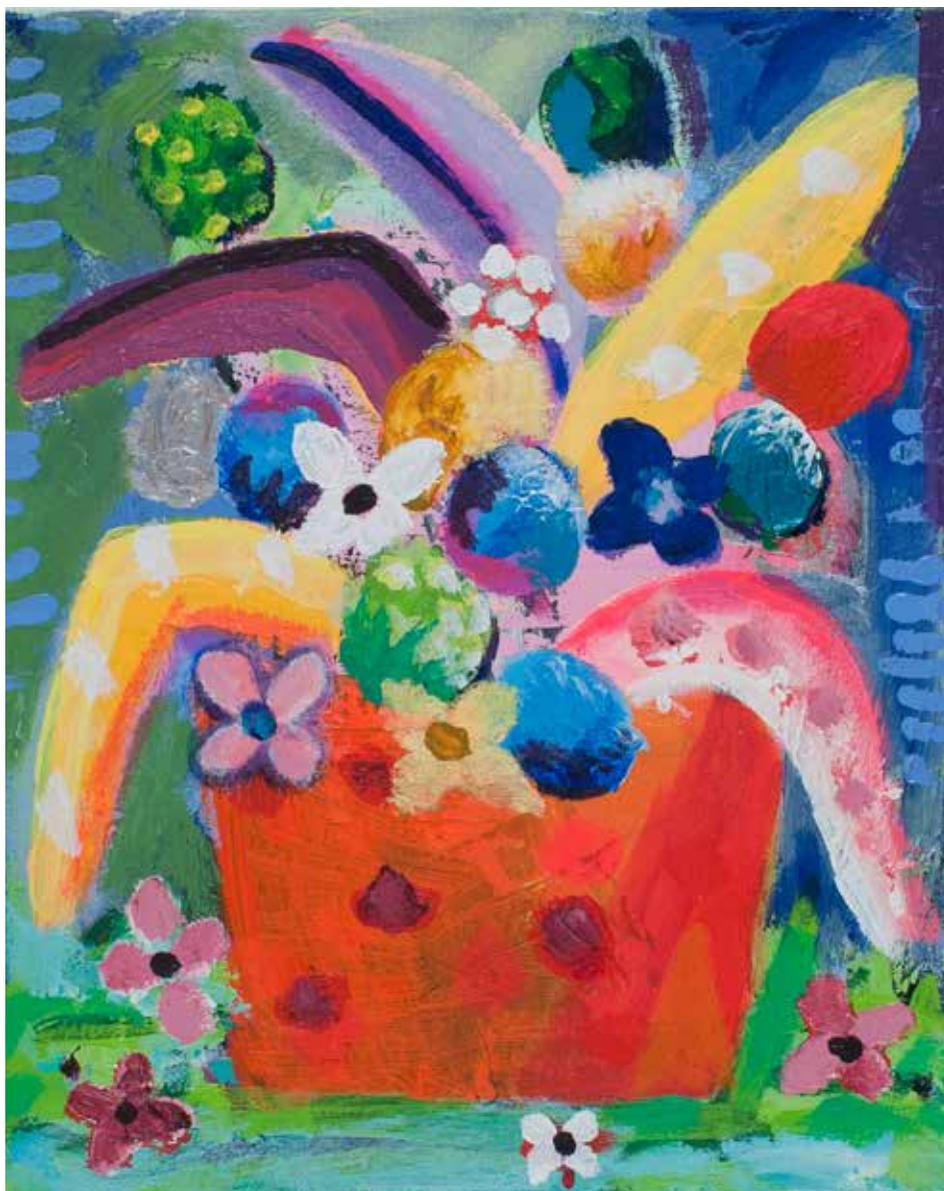
Daniel Senise
acrílica sobre tela
42 x 34 cm
2016

Small Flowers
acrílica sobre tela
31 x 31 cm
2013





Dilma
acrílica sobre tela
35 x 35 cm
2014



Libra
acrílica sobre tela
42 x 34 cm
2013

Cosme Velho
acrílica sobre tela
42 x 34 cm
2018



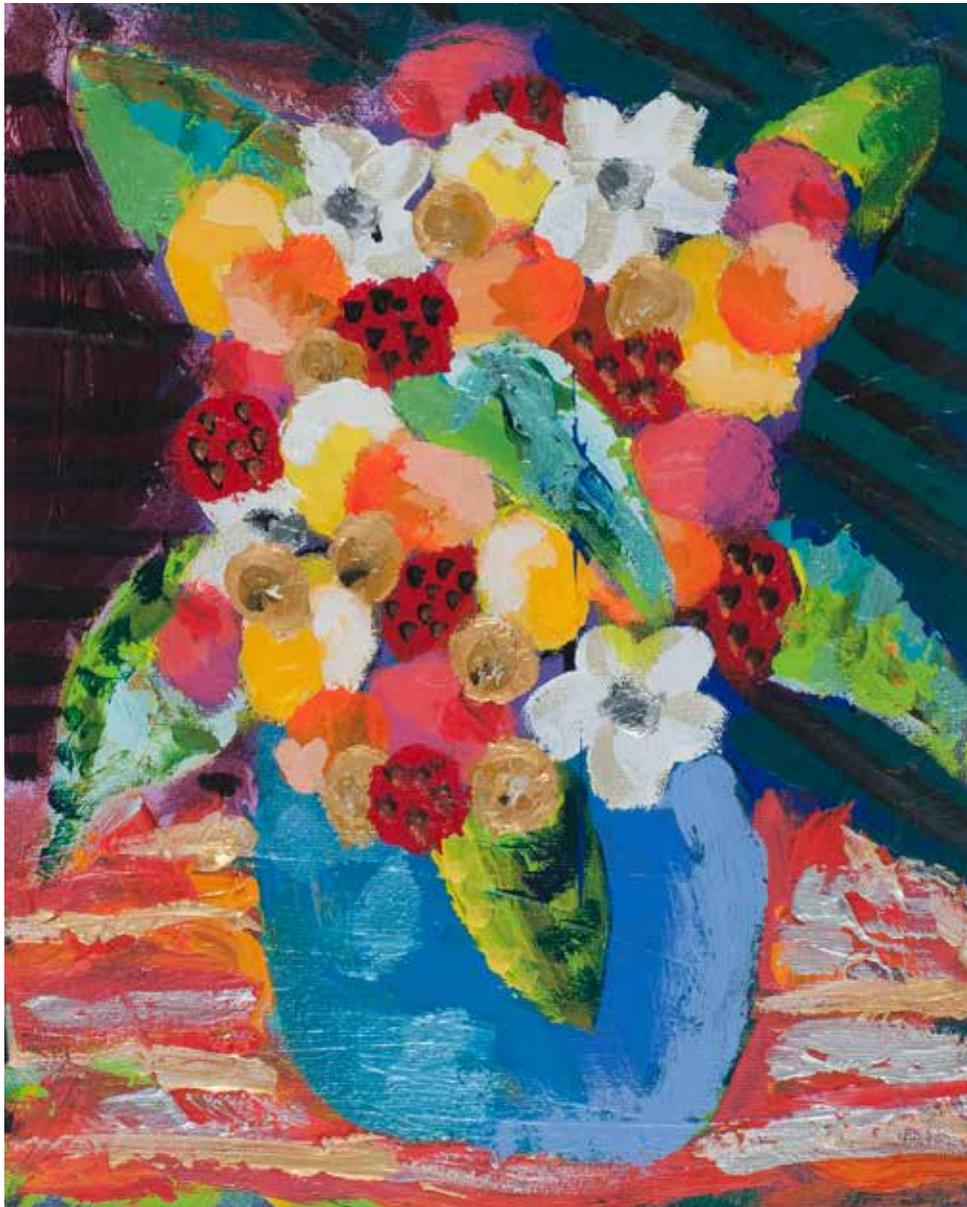


Neve
acrílica sobre tela
42 x 34 cm
2014



Leonilson
acrílica sobre tela
63 x 32 cm
2012





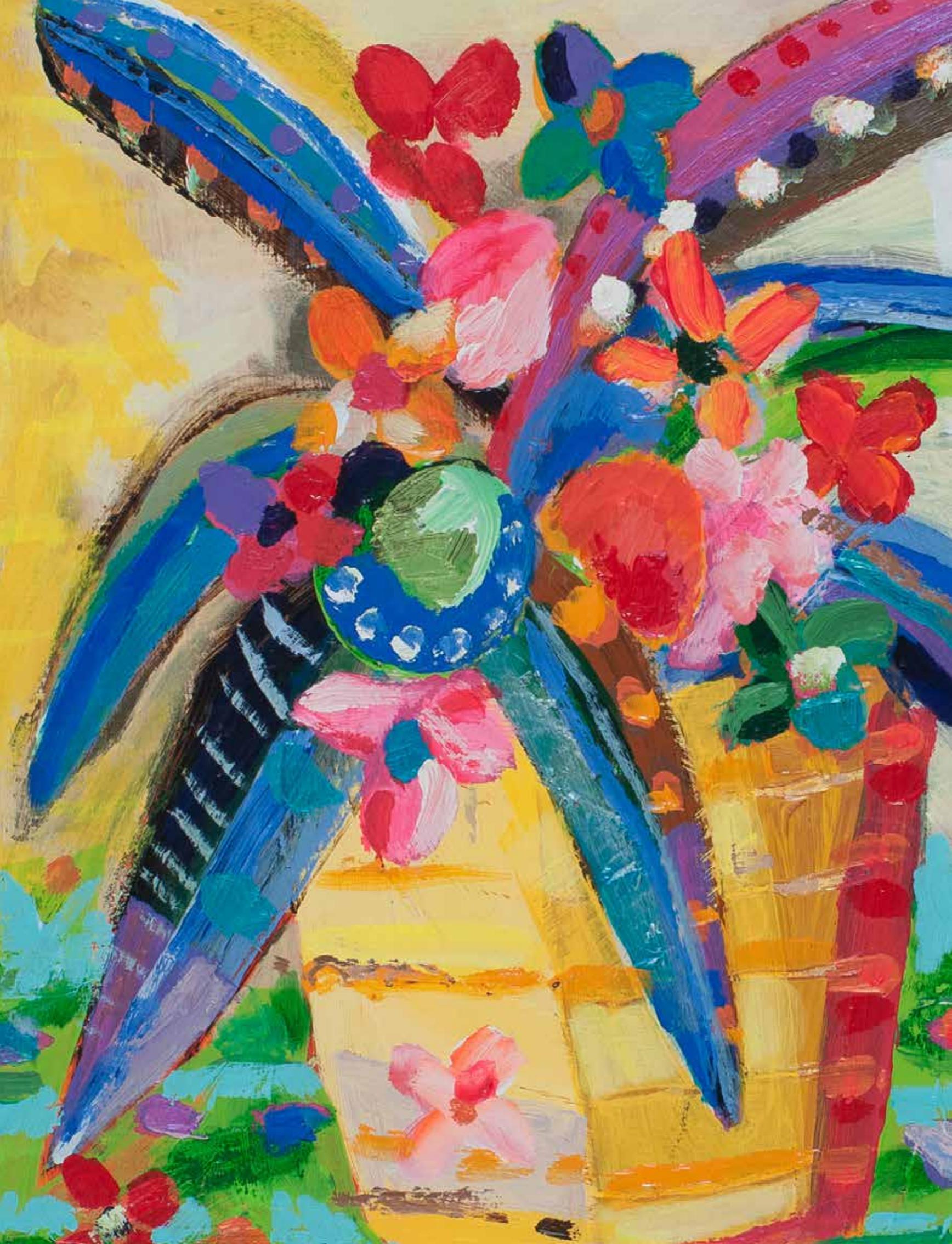
Opera
acrílica sobre tela
42 x 34 cm
2006

Lygia Pape
óleo sobre tela
42 x 34 cm
2010



Rock
acrílica sobre tela
35 x 35 cm
2013

Av. Atlântica
acrílica sobre tela
42 x 34 cm
2012





Numa casa feliz
acrílica sobre tela
42 x 34 cm
2013



Free
acrílica sobre tela
36 x 36 cm
2014





São João
acrílica sobre tela
35 x 35 cm
2013

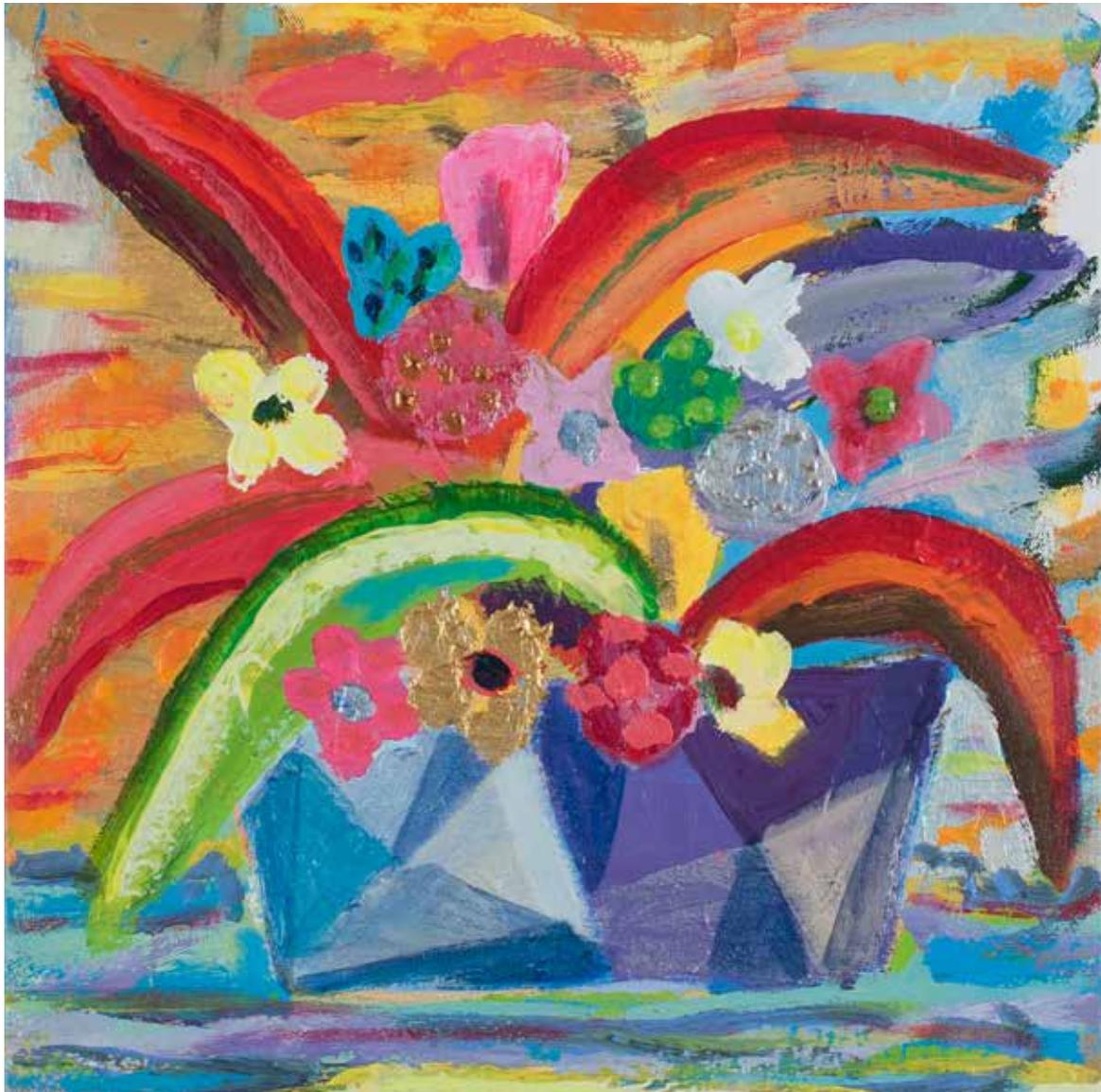
Toscana
óleo sobre tela
34 x 34 cm
2009



Feira
acrílica sobre tela
34 x 42 cm
2015

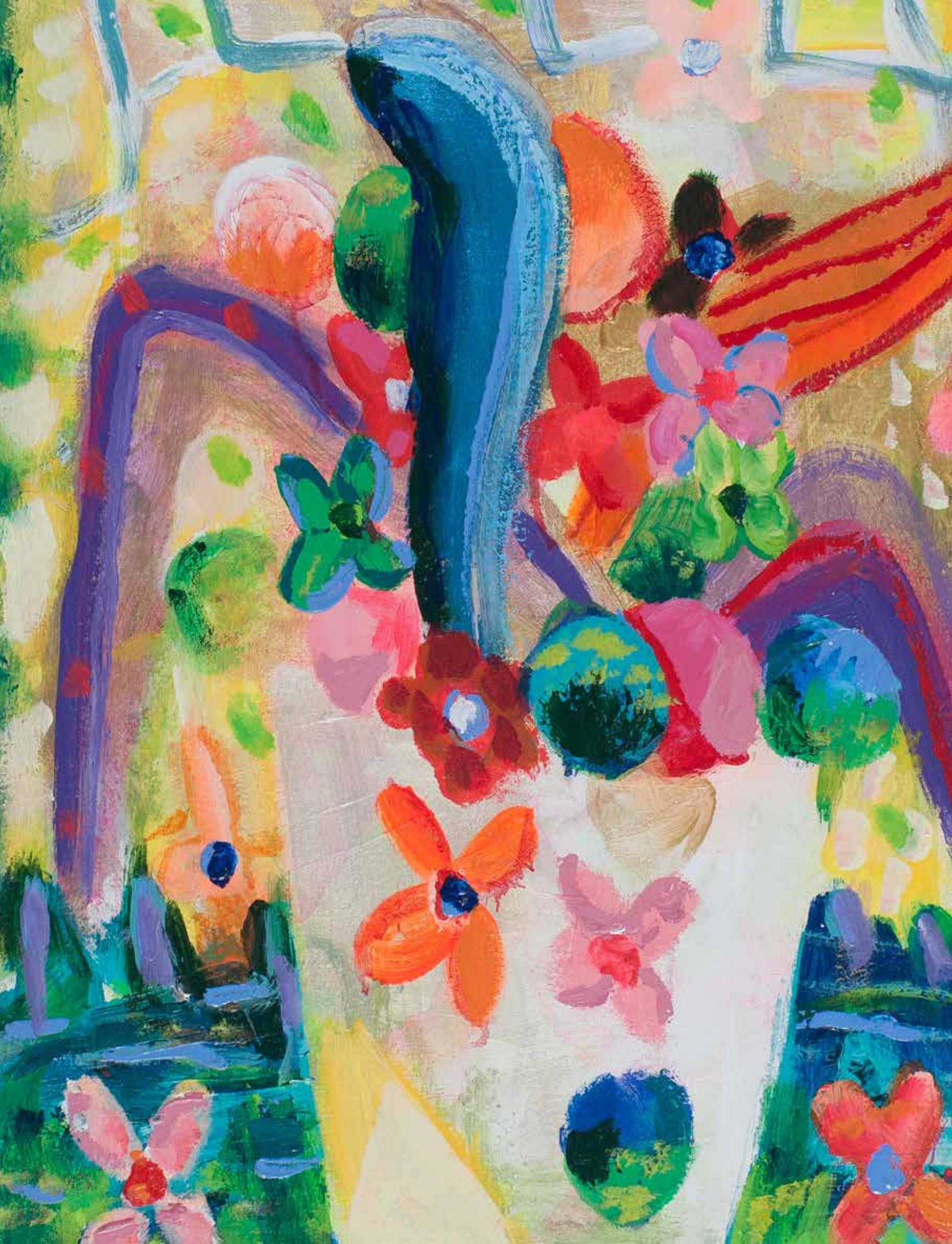


NYC
acrílica sobre tela
34 x 34 cm
2013



Lugar
acrílica sobre tela
34 x 34 cm
2013

Bahia
acrílica sobre tela
60 x 49.5 cm
2013





Paint Blossoms
acrílica sobre tela
46 x 60 cm
2005



Horto - RJ
acrílica sobre tela
40 x 40 cm
2006

Encerrando a seleção de partes das séries de Herkenhoff feita para essa exposição, tomamos alguns exemplos da sedutora série Vasos com Flores. Embora sob a órbita da tradição inaugurada pelas naturezas-mortas holandesas desde o século XVII e, por isso mesmo, de composição mais convencional, podemos ver também nessas pinturas o papel especial do fragmento, de sua dispersão pelo quadro, na formação dos espaços constelares que marcam parte significativa da produção do artista. Ainda que contidas em vasos, as flores funcionam com uma lógica semelhante à das silhuetas e das rosas, já que formam uma rede de inegável força icônica, rede que não só torna viável o sistema e o método de pintar de Augusto Herkenhoff, como também torna visível seu imaginário.

Fernando Cocchiarale



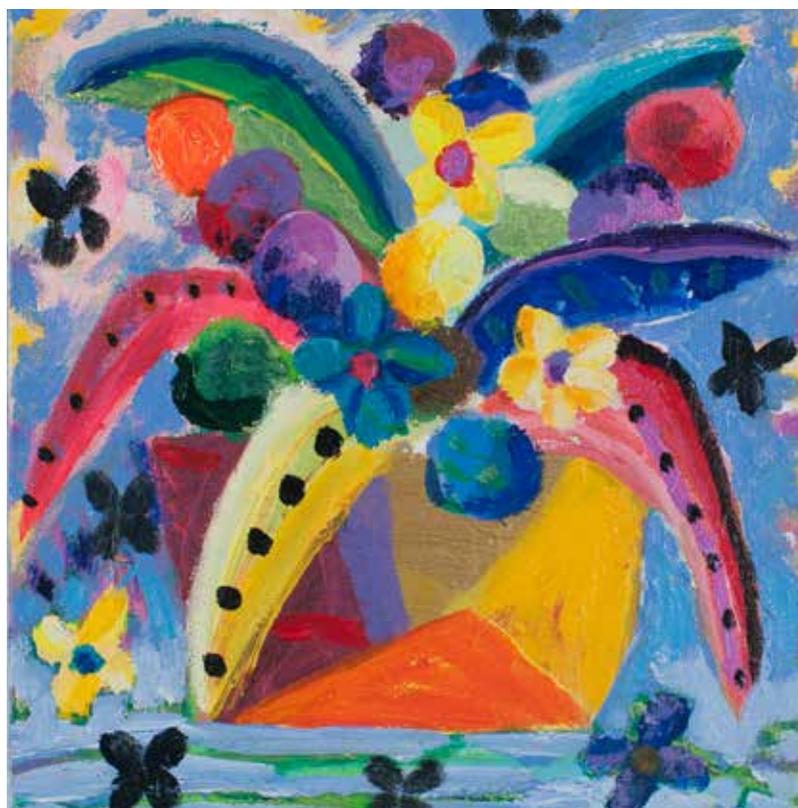
Vento
acrílica sobre tela
34 x 34 cm
2009



Euforia
acrílica sobre tela
36 x 36 cm
2013



Funchal
acrílica sobre tela
46 x 46 cm
2014



Giverny
acrílica sobre tela
35 x 35 cm
2013



Teatro
acrílica sobre tela
31 x 31 cm
2013



Ontem
acrílico sobre tela
30 x 30 cm
2006



3 de Abril
acrílica sobre tela
31 x 31 cm
2013



Rastro
acrílica sobre tela
50 x 40 cm
2014

Ritual
acrílica sobre tela
34 x 34 cm
2013



Puerto Rico
acrílica sobre tela
34 x 34 cm
2013





Small Flowers
acrílica sobre tela
33 x 33 cm
2014



Fondue
acrílica sobre tela
33 x 33 cm
2016



Piscina
acrílica sobre tela
33 x 33 cm
2010



Ribalta
acrílica sobre tela
35 x 35 cm
2013



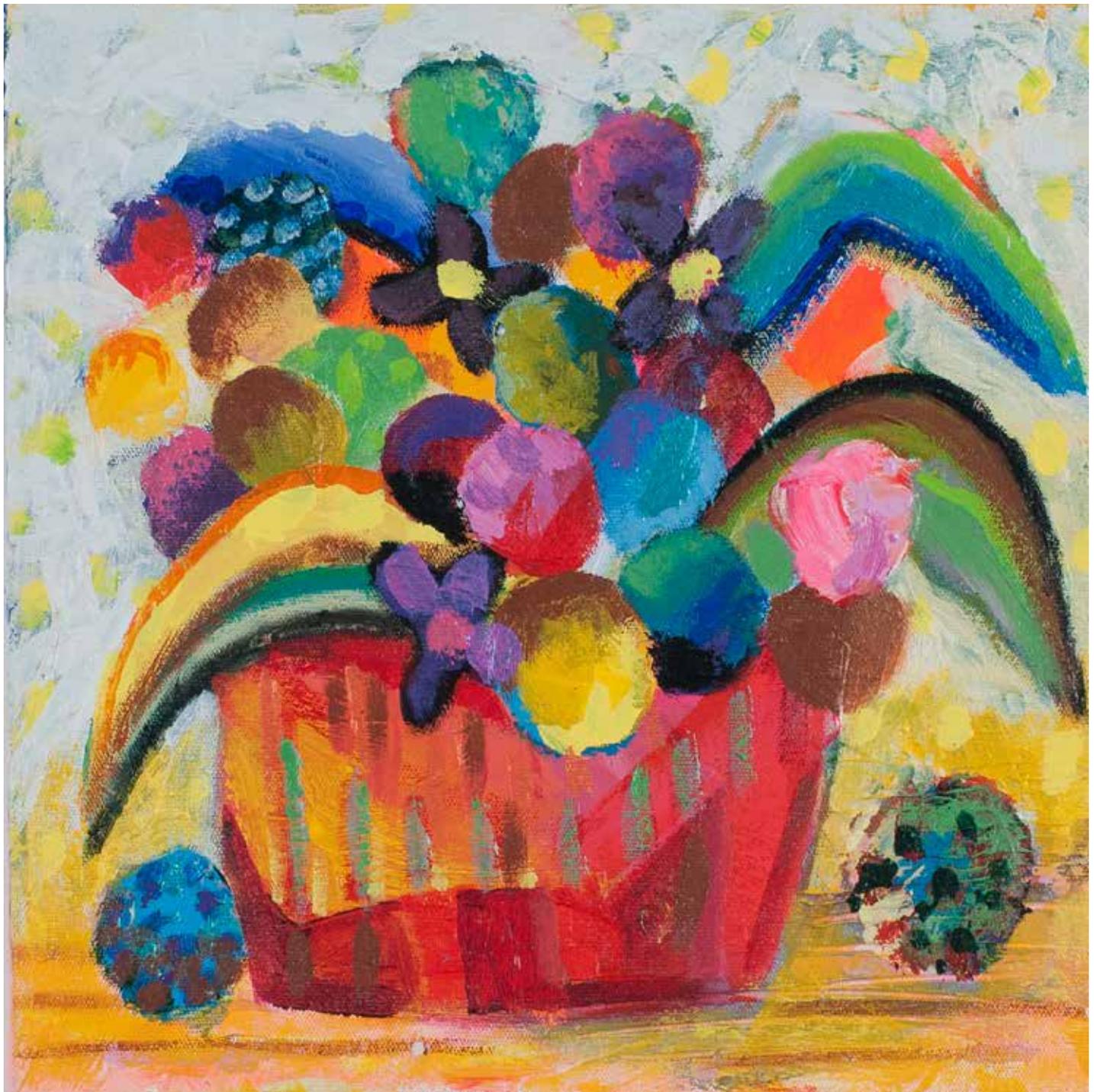
Beatriz Milhazes
acrílica sobre tela
34 x 34 cm
2013



Retina
acrílica sobre tela
35 x 35 cm
2014



La Boca
acrílica sobre tela
34 x 34 cm
2013



Sol
acrílica sobre tela
35 x 35 cm
2014



Jorginho Guinle
acrílico sobre tela
50 x 40 cm
2010

A LÓGICA DA ARTE CONTRA A LÓGICA DA DESTRUIÇÃO

A cada dia, muitos novos campos de futebol (sem futebol e sem serventia para qualquer prática esportiva) aparecem e são denunciados pelas mídias nacionais e internacionais. Áreas equivalentes ao tamanho de incontáveis campos de futebol são abertas por queimadas e/ou meios mecânicos. Poucos por acidente; inúmeros por reincidência. O resultado é o mesmo: devastação, deflorestamento, mingua-se o verde, o verde vago mundo das florestas, campinas, rios, olhos d'água. A vida fica em perigo. Muitas vidas são destruídas frente à insaciável fome de terras a explorar solo e subsolo. Culturas imemoriais ficam em perigo diante das ameaças de políticas públicas explicitamente culturícidas. Intolerância ao verde das nascentes e das matas; intolerância à vida selvagem e à diversidade das sociedades. Devastação das culturas em nome da cultura da exploração sem limites. Chacina dos verdes multicores em favor do cinza da fumaça que encobre o céu e faz lacrimejar. As máquinas revolvem a terra não para plantar, mas para daí extrair commodities. Revolvem as entranhas onde antes havia rituais em celebração à vida, onde antes havia a conjugação regular entre o homem e seu meio.

O homem cria. O homem destrói. Ciclos também imemoriais de alterações ambientais. Às vezes em equilíbrio. No mais das vezes produzindo desequilíbrios conjunturais e estruturais. O caos torna-se a norma. As profecias predizem tempos difíceis, tempo de falta. Cadê a floresta que estava aqui? O trator derrubou. Cadê a terra e os povos que havia aqui? As engrenagens político- econômicas removeram em nome da ordem e do progresso. Sob a máscara dos mais altos interesses nacionais se encontra o todo poderoso afã de acumulação de muito nas mãos de poucos. E o verde que te quero verde vira verde que te quero ações no império das bolsas de valores. Quanto valem as culturas? Para a lógica do capital, valerão o quantum de lucro que delas puder ser extraído. Logo, áreas do tamanho de muitos campos de futebol continuarão surgindo a cada dia, preparando o terreno para novos investimentos em morte.

Assim, diante dessa sistêmica e perversa devastação urbano-ambiental, devastação sociocultural; de tantas vidas devastadas que geram desesperança, impõe-se a pergunta: há respostas por parte da sociedade? Há soluções? Respostas e soluções as há. Mas há quem as escute, quem se preocupe em pô-las em prática? Certamente que há, espalhados pelo orbe, como o comprovam inúmeras demonstrações de repúdio a esse atual estado de desmatamento e queima de recursos naturais. No entanto, dos postos de mando e comando emanam leis, decretos e medidas provisórias, políticas econômicas que estimulam a transformação dos verdes em cinza. Da vida das culturas em silêncio de tumbas. Nada disso é novidade. Nova é a violência da intolerância contrapondo-se, cegamente, à ponderação e ao que recomendam muitas pesquisas e monitoramentos. As vozes de comando decretam: os dados alarmantes são infundados, são, antes, manifestações de maus cidadãos que se opõem ao desenvolvimento nacional. Afinal, segundo essa lógica da devastação, riquezas de solo e subsolo, florestas e mananciais hidrográficos não devem permanecer ociosos. Assim como grupos étnicos que não sejam considerados produtivos não devem estorvar o progresso nacional. Urge, assim decretam, fazê-los produzir riqueza financeira para que poucos continuem usufruindo de muito. E para que muitos permaneçam em sua penúria. Nesse ciclo perverso que institui um abismo intransponível entre essas vidas regaladas e as tantas subvidas espalhadas Brasil à fora. Há respostas? Há saídas? A resposta é sim. E são muitas e de formas as mais diversas. A arte, por exemplo, também pode ser uma saída. Também pode dar respostas, uma vez que se trata de uma maneira de refletir crítico-esteticamente sobre a realidade, transfigurando-a. Assim procedendo, o artista age sobre o mundo. Revela e se revela. Arte engajada a seu tempo e lugar. Lugar onde atualmente vigora a presença dessa devastação sistemática. Perversa. Inominável.

Neste contexto, a arte de Augusto Herkenhoff se faz denúncia. Denúncia que se expõe em traços, cores, luz. E põe-nos diante do impacto multicolor das telas onde explode a realidade transfigurada, aquilo que, na realidade objetiva, desertifica-se. A arte de Augusto vai no caminho inverso das máquinas de arrancar vida. Com sua sensibilidade e técnica, a vida é capturada e fixada no espaço bidimensional. Os reflexos avermelhados dos incêndios que

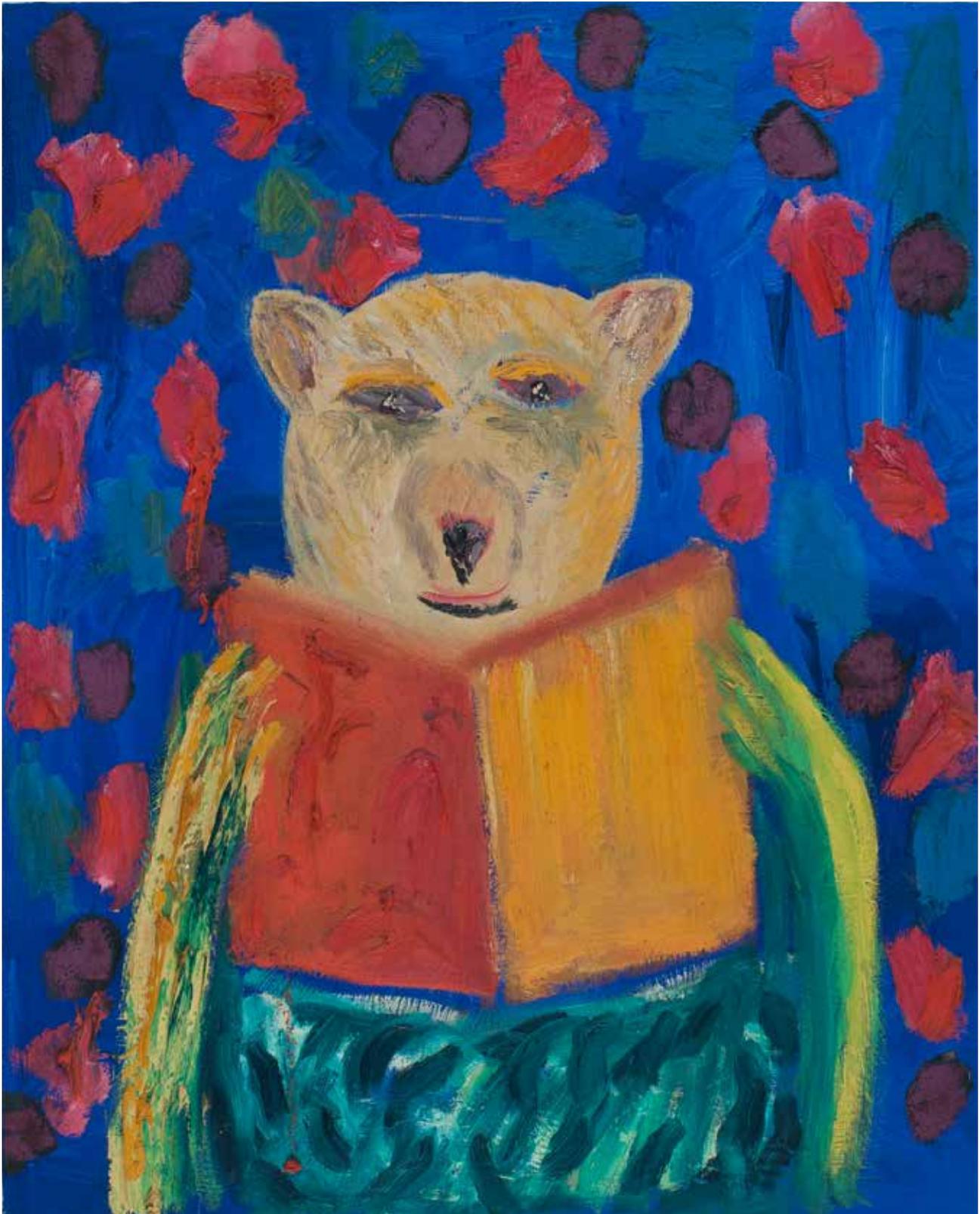
destroem grande parte da floresta se convertem nos tons vermelhos que irrompem em suas telas. Assim, a vida criada pelo artista explode em cores e espessuras nas naturezas-mortas tão cheias de vida e luz. Ali, os animais desfilam na imponência de suas formas. E até peixes-folhas flutuam ao redor de montanhas tantas vezes celebradas em inúmeras formas e linguagens. É desse modo que a vida responde aos que cultuam a morte.

Luiz C. Borges

série Natureza e Cultura



Natureza e Cultura
acrílica sobre tela
80 x 60 cm
2019



Natureza e Cultura
óleo sobre tela
100 x 80 cm
2010

Natureza e Cultura
óleo sobre tela
100 x 80 cm
2008/2009







Natureza e Cultura
acrílica sobre tela
93 x 73 cm
2009

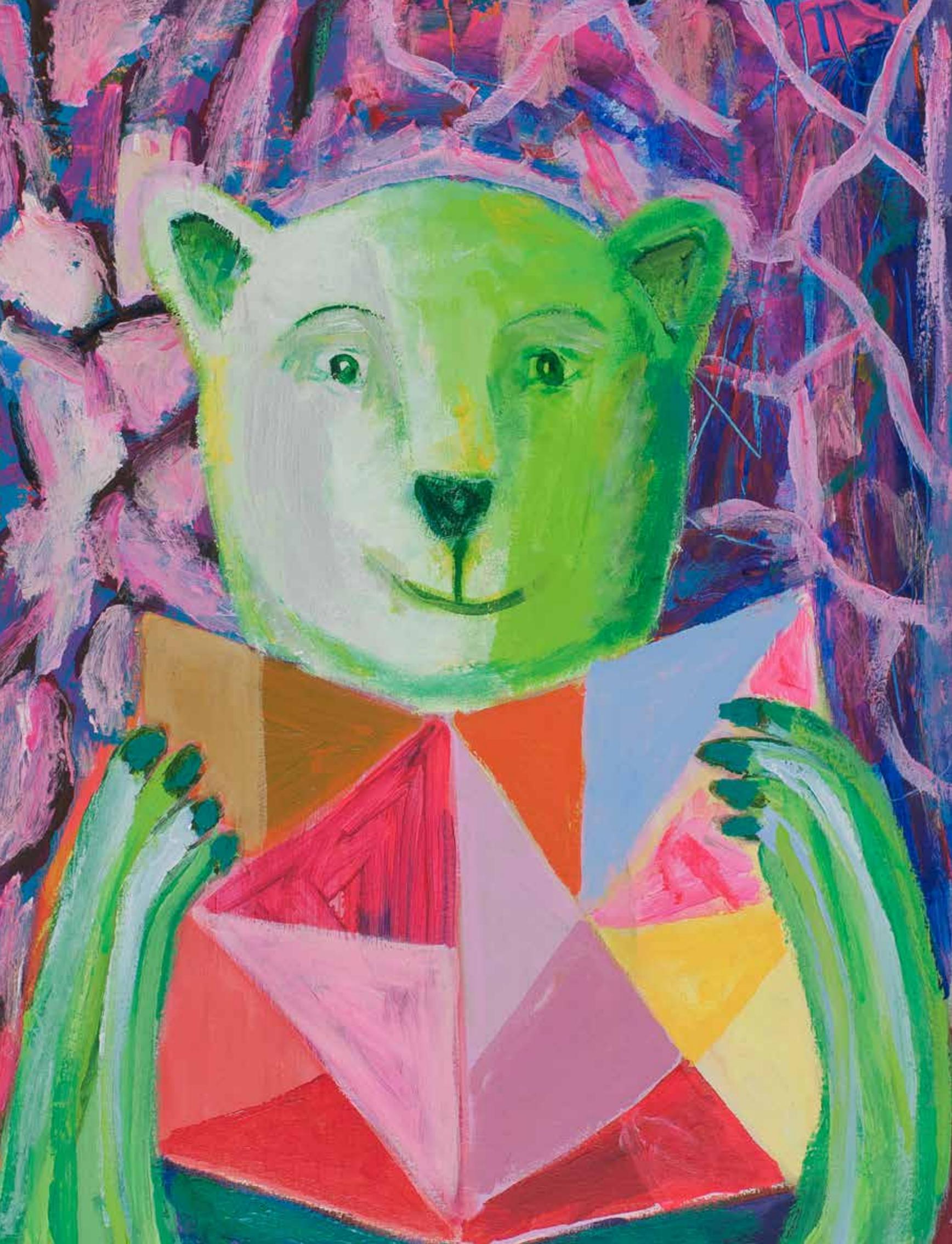
Natureza e Cultura
óleo sobre tela
93 x 73 cm
2009



Natureza e Cultura
óleo sobre tela
80 x 60 cm
2007

Natureza e Cultura
acrílico sobre tela
80 x 60 cm
2012







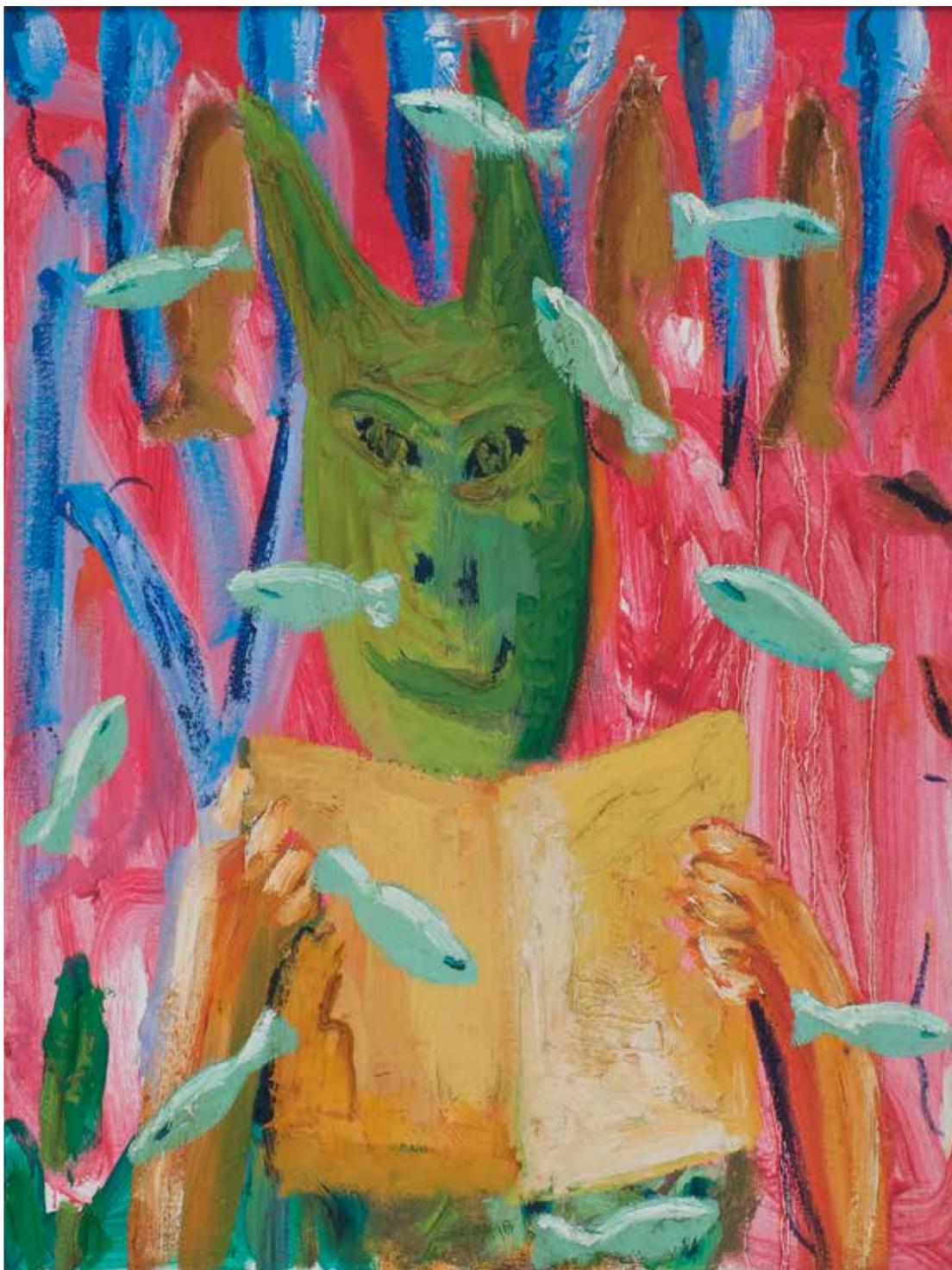
Natureza e Cultura
acrílica sobre tela
80 x 60 cm
2014

Belo quadro, talvez o seu melhor. Fiquei com ele aberto na tela um longo tempo e a impressão vai se adensando. Aquele bico da cabeça que se desvia do livro, a ponta dos dois corações terminando em bico, como se a dupla não fosse do livro mas da própria ave. o olhar, as cores, e a estranha impressão digital que se forma à direita, um pouco acima do ângulo do livro, fazendo com que, se for realmente uma impressão digital, o olho mude totalmente a escala com que pensava absorver o quadro, ou então, uma impressão digital, identidade, marca cravada, do tamanho do coração que está abaixo dela, outra mudança de escala, porque uma impressão é feita com a ponta do dedo, e o coração com a ponta do sistema circulatório. Incrível esse quadro, e o adorno do pavão, que deve estar refletido nas duas páginas do livro que nós não vemos, mas que devem ser feitas de espelhos. Parabéns. poderosa avenida que atravessa a percepção conservando o segredo do seu motivo proustiano.

Arthur Omar

Natureza e Cultura
óleo sobre tela
80 x 60 cm
2014





Natureza e Cultura
óleo sobre tela
80 x 60 cm
2007

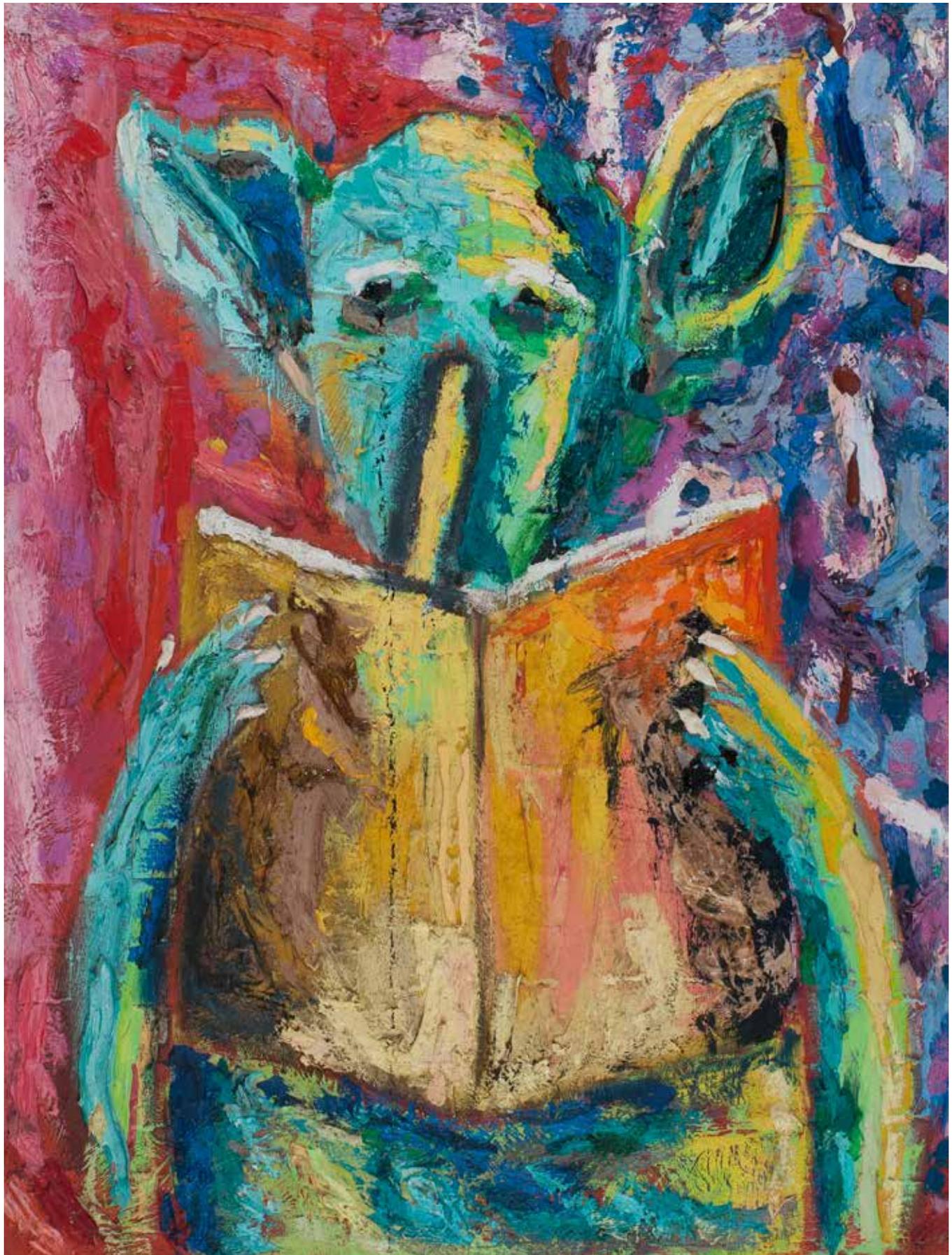
Natureza e Cultura
óleo sobre tela
80 x 60 cm
2007



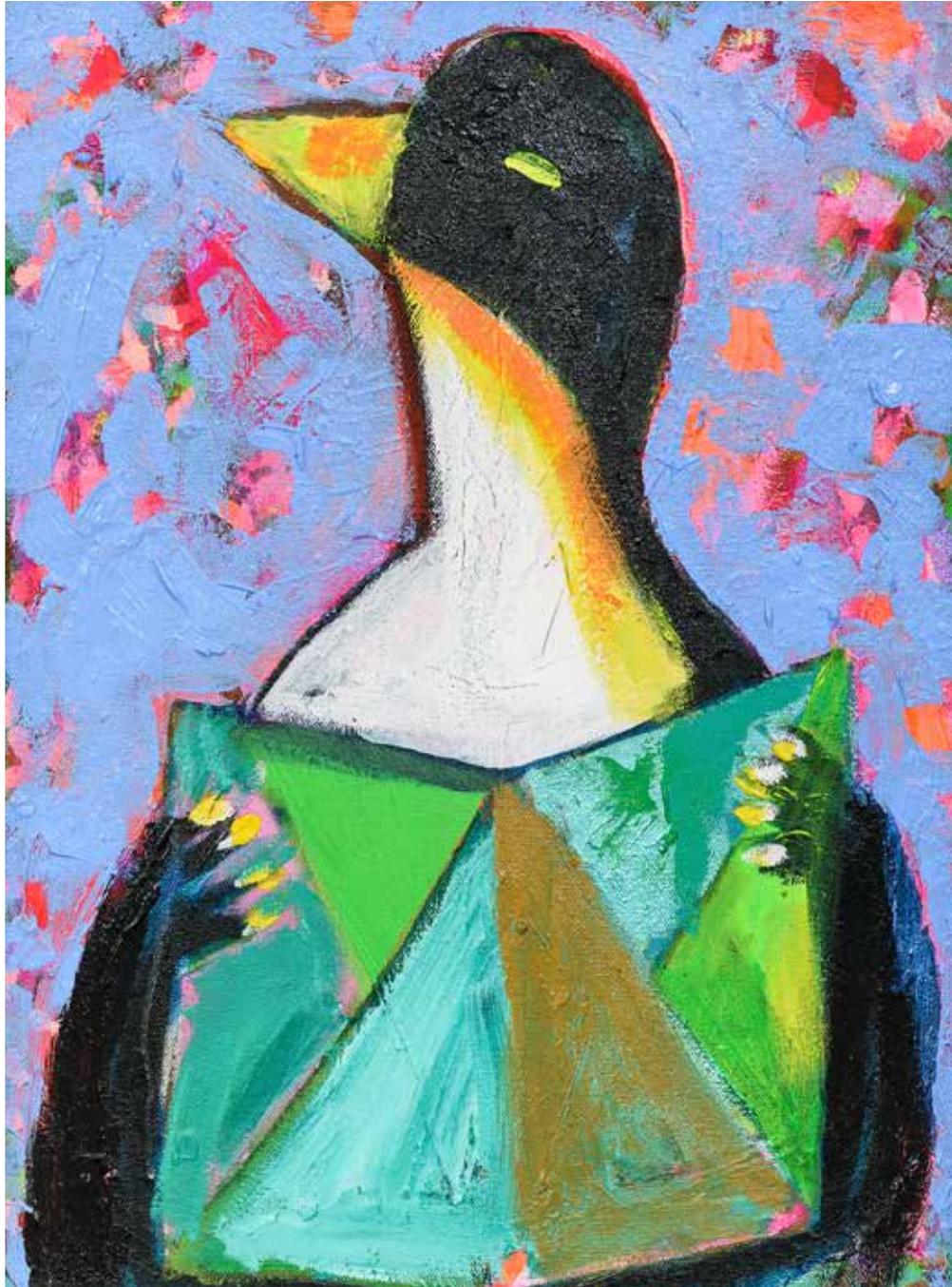


Natureza e Cultura
óleo sobre tela
47 x 35 cm
2012

Natureza e Cultura
óleo sobre tela
37 x 25 cm
2012



Natureza e Cultura
óleo sobre tela
23 x 92 cm
2008



Natureza e Cultura
acrílica sobre tela
80 x 60 cm
2019



Natureza e Cultura
óleo sobre tela
60 x 44 cm
2007

Natureza e Cultura
óleo sobre tela
60 x 44 cm
2007





Natureza e Cultura
óleo sobre tela
60 x 44 cm
2007

A obsessão com os detalhes de cada peça, abundância de cores, traços fortes e energéticos, ao mesmo tempo alegre e confunde, faz observar e sentir, contemplar e reverenciar a cultura remetida, a janela servindo como um instrumento para a viagem que ocorre dentro de cada um que entra em contato as obras da série NATUREZA E CULTURA ...

Isabela Simões

Natureza e Cultura
acrílico sobre tela
60 x 44 cm
2012









Natureza e Cultura
acrílica sobre tela
47 x 35 cm
2012

As paisagens inventadas de Augusto Herkenhoff

A meu ver, qualquer coisa apresentada como trabalho de arte é apenas um resquício da atividade de fazê-la, até mesmo uma pintura. Talvez, como Richard Serra (na visão de Joseph Kosuth), eu sinta secretamente que a “atividade” só é alcançada empiricamente. A ideia de que o fazer artístico é uma atividade e não a produção de objetos vem ao encontro do pensamento de Serra e do meu.

A pintura é um embate. O pintor “ataca” a tela que, muitas vezes, resiste. Pode-se, eventualmente, encontrar prazer nela. Grande parte das vezes, posteriormente. Pintar é um desafio, pois requer o ato da criação.

A questão do maior ou do menor reconhecimento de uma figura representada não é incomum em relação à análise de uma pintura. Costuma-se observar: como a técnica da pincelada (ou da colocação da tinta na tela por outro meio) vai criando a ilusão de reconhecimento da imagem, de aproximação com uma referência ou lembrança; quanto é preciso de área bem definida, delimitada, na pintura e quanto aquele que olha a tela constrói mentalmente uma imagem; quais as diferenças entre aquilo que o pintor pretendeu representar e o que é visto pelo observador da pintura. Também é natural tentar encontrar formas reconhecíveis em um quadro não figurativo (abstrato ou não), o que é chamado de *pareidolia*.

Há muitas interpretações a respeito do tema, mas entendo que uma pintura abstrata é feita a partir de um modelo preexistente (um referencial no mundo), do qual se vai abstraindo até chegar a algo não figurativo, podendo-se questionar o quanto do modelo inicial permanece nessa abstração. Por outro lado, nem toda pintura não figurativa é uma abstração, ainda que não represente algo. Ela pode ter sido feita sem ter um ponto de partida referente externo, de fora da pintura em si. Procurar reconhecer padrões (ou figuras) - a já citada *pareidolia* - também é possível em relação a uma pintura figurativa. Isso, em partes onde não há uma imagem (ou figura) claramente representada (fundos, áreas escuras, céu, mar, nuvens, por exemplos). O pintor não precisa representar tudo em detalhes no quadro inteiro, completamos a imagem, pois temos um referencial mental. Por vezes, bastam umas poucas pinceladas, dentro de um contexto, para reconhecermos um sol, uma montanha, um navio ou flores.

Onde a questão do reconhecimento - ou não - da imagem representada tem mais importância, para mim, é mesmo na pintura figurativa. O que me interessa são os limites indefinidos, borrados, aquilo que tangencia: quanto de gesto do pintor é necessário para tornar o assunto da pintura reconhecível e o quanto isso é ou não necessário (digamos dessa forma) em cada quadro.

Persiste, atualmente, uma grande produção de pintura fotorrealista, isto é, aquela em que se pinta de modo que o quadro se pareça com uma fotografia (grosso modo: com profundidade de campo, foco em área específica, controle de partes escuras e claras etc.). O que é diferente do hiper-realismo que, como o nome já diz, ultrapassa a realidade. Algumas vezes, esse hiper-realismo não passa de uma tentativa de se aproximar de uma imagem mental idealizada (pois nenhuma pintura hiper-realista corresponde à maneira como enxergamos). Parece ser um simples exercício de demonstração de apuro técnico, um suposto virtuosismo (que já foi sinônimo de boa arte). Todavia, isso não me atrai.

Iniciadas por volta de 2000, as pinturas da série “Paisagens Cariocas”, de Augusto Herkenhoff, apresentam, basicamente, dois planos pictóricos. Ao fundo (nomeemos assim, pois, de fato, está tudo na superfície da tela), uma vista mundialmente conhecida: a baía de Guanabara e o Pão de Açúcar. Em algumas das pinturas dessa série, há um navio (quase um desenho), que aparenta ter sido construído no período das três primeiras décadas do século XX, o que remete à questão das camadas de tempos da pintura.

Em sua produção, Herkenhoff tanto usa a tinta a óleo quanto a acrílica, esta última, presente nos trabalhos da série “Paisagens Cariocas”. O óleo demora para secar, as camadas costumam ser mais espessas, e Herkenhoff gosta dessa densidade, presente em outras de suas séries. A pintura com tinta acrílica costuma ser mais rápida,

menos sobrecarregada, mais junta à superfície da tela. Em “Paisagens Cariocas”, a tinta acrílica contribui com o procedimento pictórico utilizado por Herkenhoff: o artista não recorre a uma acentuada perspectiva geométrica, a imagem é mais chapada na tela, em um único plano, sem grande ilusão de profundidade. A paisagem está planificada sobre o tecido. Quando utiliza o recurso do claro e escuro, ele serve para dar volume à montanha. Já a diferenciação entre o mar e o céu se dá mais pelo uso das cores. E Herkenhoff é pródigo no uso delas, tem prazer em usar uma paleta pouco rígida. Tampouco traça linhas de planeamento, de desenho, sobre a tela, antes de começar a pintar; ele ataca a tela diretamente com os pincéis, as tintas, as cores, pintando com extrema liberdade.

O segundo plano pictórico presente em “Paisagens Cariocas” é o das flores (às vezes, peixes). Esse outro plano está mais na frente na tela, é quase como uma velatura para a paisagem, como se a víssemos através de uma chuva intensa. Na prática, distinguimos claramente a paisagem ao fundo, uma vez que a “chuva” deixa ver em seus intervalos. Nas pinturas da série, além das camadas da manufatura, temos as temporais representadas nos elementos figurados. Desse modo, há algumas temporalidades na tela. Se o Pão de Açúcar tem um tempo geológico (de eras), se os navios remetem ao começo do século XX, as flores (ou peixes) são o presente, o agora ao alcance da mão. A localização das flores em um plano à frente da paisagem nos traz para o momento atual. Esse recurso pictórico da localização da camada de tinta mexe com a percepção da camada temporal do quadro. Tudo isso faz com que não apenas os olhos saltem entre assuntos (ou temas) e as camadas pictóricas, como também a mente seja instigada a tentar localizar a época representada na pintura em suas camadas temporais (o que se demonstra infrutífero). A percepção é desestabilizada, vamos para além da superficialidade.

Augusto Herkenhoff é um artista experiente, mestre em Museologia, que iniciou sua trajetória nos anos 1980. Grande parte de sua formação se deu na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, em aulas com Ronaldo do Rego Macedo e Katie Van Scherpenberg. Participou de importantes exposições, como o Salão Nacional, o Salão Carioca, a Bienal do Mercosul, e tem obras em grandes coleções, como as de Gilberto Chateaubriand e a de Mônica e George Kornis. Nada em sua pintura é inocente.

A série “Paisagens Cariocas” tem ligação com sua experiência no colecionismo e na venda de cartões-postais, atividade que exerceu por cerca de dez anos. Contudo, o que vemos nessas grandes pinturas ultrapassa o lugar-comum dos cartões-postais. As “chuvas” de flores nessa série remetem à pintura “O Nascimento de Vênus” (1483), de Sandro Botticelli (1445-1510). Herkenhoff mexe com um símbolo do Rio de Janeiro - quiçá brasileiro - e transforma a paisagem, tornando-a surreal, dando-lhe tons vibrantes que pouco se assemelham à realidade perceptiva. Ainda que se possa reconhecer a paisagem familiar do Rio, ela é (re)inventada em “Paisagens Cariocas”.

A pintura de paisagem - um gênero autônomo - nem sempre foi feita ao ar livre, o que só se tornou corriqueiro no século XIX. Os artistas, sobretudo os pintores, têm-se dedicado a transpor para a tela, de diversas formas, sua apreensão da Natureza (que serve de modelo para pintores já há muito tempo na História da Arte). Porém não se deve crer que essa imitação seja apreensão fiel da realidade, daquilo que se vê (assim como a fotografia não o é), pois a pintura não passa de uma representação dentro de códigos previamente estabelecidos. E subverter os códigos, expandir o vocabulário pictórico, faz parte do jogo da arte.

Assim, quando Herkenhoff cria sua própria paisagem e nela introduz uma chuva de flores. Está inventando, ele mesmo, suas formas de ver e de representar e nos revelando-as.

André Sheik

série Paisagens Cariocas



O sol dos cariocas
acrílica sobre tela
130 x 195 cm
2019



Rio Zeppelin
acrílica sobre tela
115 x 130 cm
2014





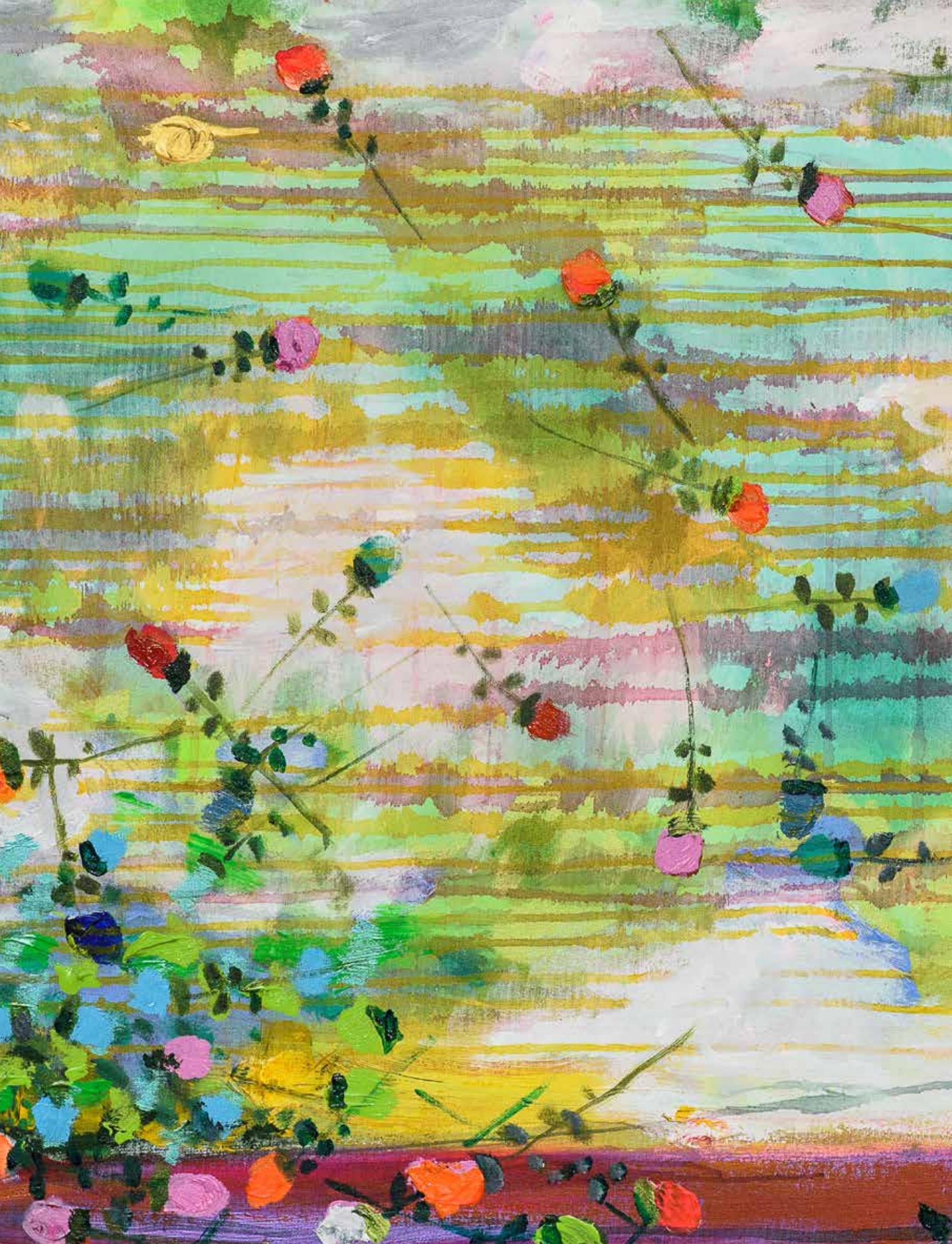


Azul Carioca
acrílico sobre tela
130 x 195 cm
2014

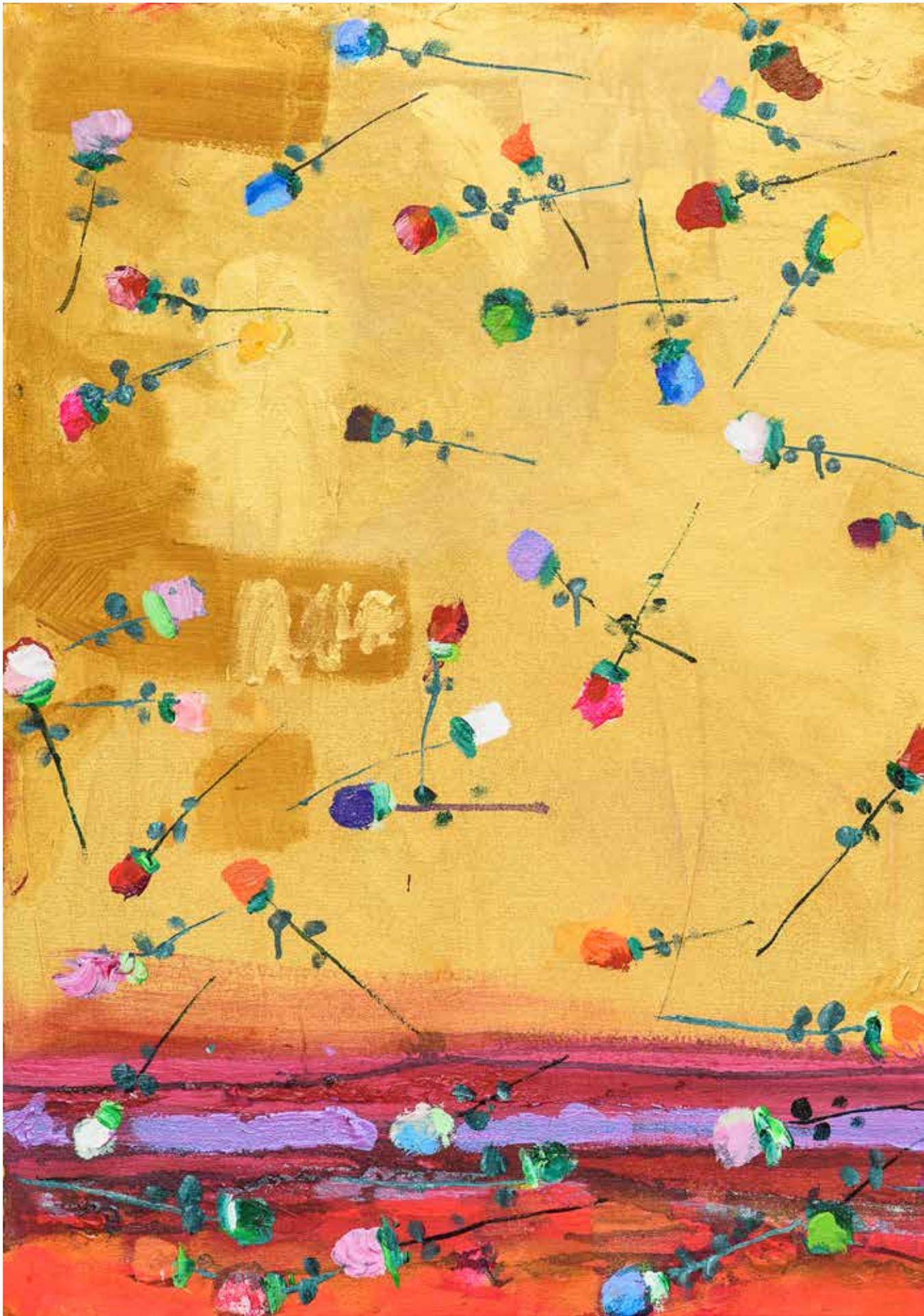


White
acrílica sobre tela
92 x 130 cm
2010

▷
Mar
acrílica sobre tela
92 x 130 cm
2015









Golden dreams
acrílica sobre tela
92 x 130 cm
2012



Double Sugar loaf
acrílica sobre tela
130 x 195 cm
2012-2013



Super Sugar Loaf
acrílica sobre tela
190 x 250 cm
2015







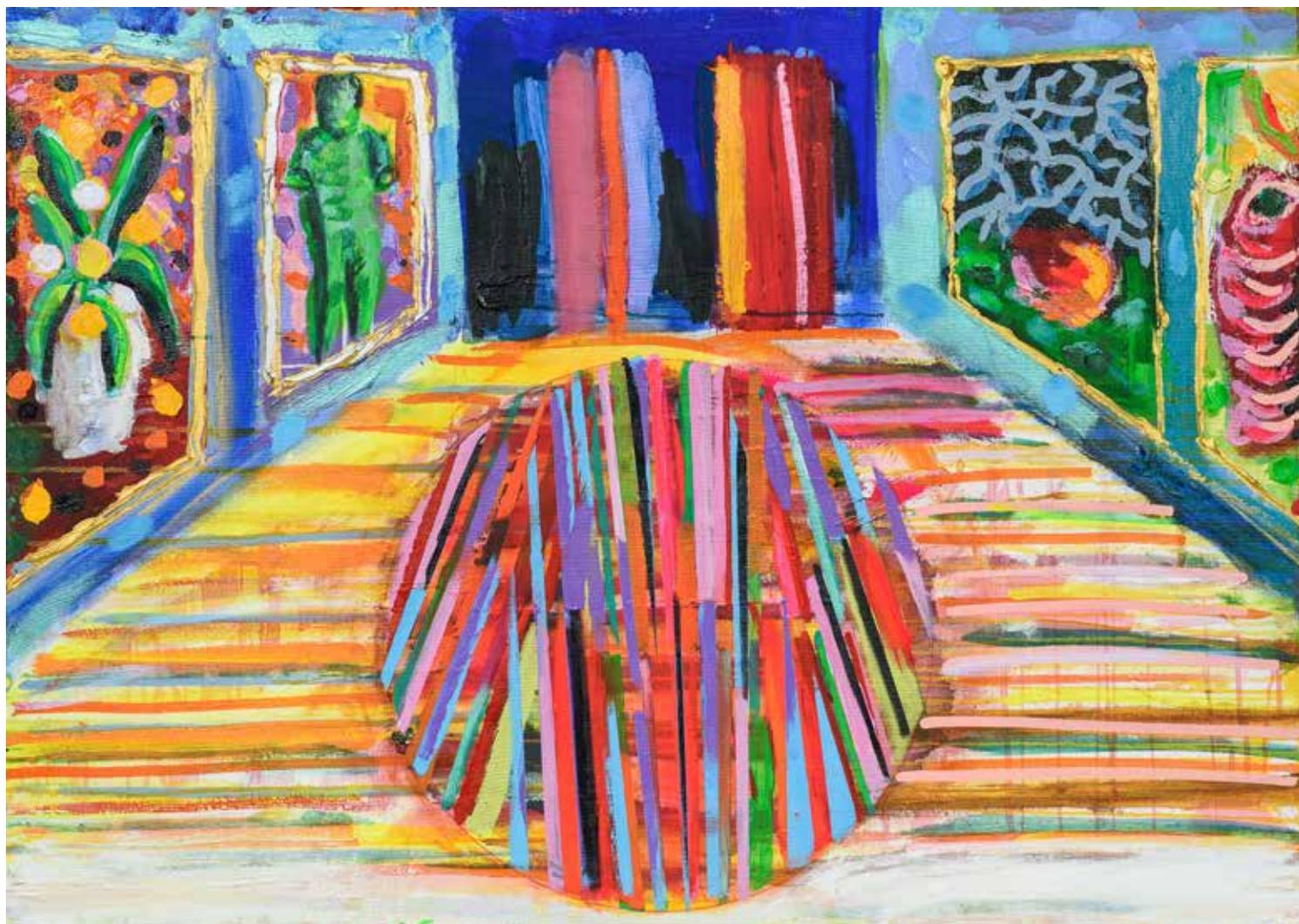
Sugar loaf
acrílica sobre tela
92 x 130 cm
2015



Rio
acrílica sobre tela
92 x 130 cm
2015

Outra série de pinturas de Herkenhoff, selecionada para integrar parcialmente a presente mostra é a da Chuva de Rosas, mais especificamente dois trabalhos da Chuva de Rosas com Navios. Da mesma maneira que nas Pinturas Alemãs, também aqui, Augusto produz um espaço constelar. No entanto, podemos observar, existem divergências evidentes entre essas séries: em lugar da clausura do dormitório alemão, o mar aberto, no lugar dos móveis um vapor antigo (Fellini?), contra o fundo formado pelas paredes, a superfície da tela ao longo do qual chovem rosas vermelhas que equivalem às silhuetas que afloram das paredes das Pinturas Alemãs.

Fernando Cocchiarale



Círculo Mítico
acrílica sobre tela
92 x 130 cm
2006



Círculo Mítico
acrílica sobre tela
92 x 130 cm
2006

(Herkenhoff, Arte, Devastação da Vida e da Natureza)

O século XX emociona, informa e produz a consciência de diferentes formas de destruição em curso no planeta. A destruição transformou-se num processo e numa indústria planetária, dolorida e incontida destruição de vidas, patrimônios e projetos que alimentavam e produziam sentidos as pessoas e as sociedades. É a forma mais fácil e rápida de acumulação de poderes. A arte presente em todos os embates não se omite. A arte e os artistas posicionam-se em defesa de valores do sistema produtivo e da desigualdade social revelando limitações quanto à possibilidade de paz, justiça e solidariedade. O mundo se reconhece assustador, produtor de guerras, destruição, silêncio e medo.

A arte e a destruição não ocorrem ao acaso, não surgem do acaso, elas mobilizam as consciências e tem trajetórias. A destruição iniciada se avoluma e se percebe que não se trata de um evento recente ou ocasional, não existe ficção no que se pode ver, conhecer ou murmurar. A destruição -material ou imaterial- não ocorre de uma única forma ou para um único segmento, não é dirigida apenas aos humanos, mas a tudo que dificulta, diverge ou contraria.

O ambiente hostil, que Candido Portinari nos apresentou em diversas obras, é diferente da destruição da natureza. Na medida em que ela também é destruição humana e social. As cores e formas de Di Cavalcante estimulam o compromisso e a ação pela vida. Nos anos 60 a arte nos reapresenta ao cotidiano. As fotografias de Sebastião Salgado revelando as vidas e naturezas devastadas remetem a um mesmo contexto que Frans Krajcberg se apega. O pano de fundo é estrutural, naturalmente. O trabalho de Krajcberg apresenta mais uma forma de destruição. Mas a destruição encontrada em Krajcberg trazia uma novidade, implicava um desafio, era portadora de crítica, sentido, afeto e beleza. Induzia a reflexão e a defesa daquilo que era ameaçado de destruição. Era tão encantadora que recusava o simplismo das acusações, isto sem ser neutra ou desinteressada.

Difícil entender e pactuar com aquelas esculturas, pinturas, ação de gravar e fotografar. Certamente, ninguém há de dissociar a sua obra da sua capacidade de explorar os elementos da natureza, produzindo relevos monocromáticos e belos, utilizando pigmentos extraídos de terras e minerais do próprio lugar de produção. Seu doce e vigoroso ativismo ecológico, que conhecendo e encantado com a natureza, associou sem nenhuma economia ou subterfúgio a arte e a defesa do meio ambiente.

Não há como aceitar a destruição da natureza, era uma urgência e hoje é mais urgente ainda, a defesa que denuncia a exploração e a violência contra a natureza, que revela e exhibia a dor das florestas devastadas ou ameaçadas. Ao menos, revelava a destruição promovida de forma sistemática pelos interesses que desprezam a vida e o próprio homem.

Perplexo, vejo os diversos trabalhos de Augusto Herkenhoff fazendo dos paradoxos um encontro com a vida e com o belo, entre alegrias e alegorias. Herkenhoff enche de cores e movimentos uma exposição que aborda a destruição da natureza, o artista possui esta capacidade de produzir sentidos nas contradições. Não há como não se envolver e se cativar com as imagens, temas, afetos, problemas e armadilhas que ele nos apresenta. Ele retrata as condições em que vive o povo, apresentado de maneira suave, sem nenhuma rigidez ou pretensão escultural, não emite julgamento de valor, ele apresenta e exhibe expressão de cansaço e preocupação, mas também de alegria. Os vasos e as flores produzem uma sensação bem mais leve e fluida, as cores fazem um convite ao sorriso e ao encantamento.

Assim como não poupa nas tintas, suas cenas urbanas não são bucólicas, trazem todas as agitações, cumplicidades e intensidades. Herkenhoff valoriza através de sua técnica e meios de expressão os gestos, emoções, cores e a visualidade numa abordagem bem humorada, esperançosa e crítica num esforço de apropriação, transformação e difusão de imagens e informações singulares.

Encantado, vejo os diversos trabalhos de Herkenhoff se multiplicando em cores e abraçando a vida numa exposição que -aparentemente- tematiza a destruição da natureza. Curioso, constato que -ao contrário- o ambiente será sempre mudanças e discontinuidades que independem de vontades e de qualquer pretensão dos poderes e interesses que hostilizam a natureza e a vida.

Herkenhoff constitui-se como artista num momento em que estão estraçalhadas todas as certezas, que está superado um momento da crítica da arte e daquilo que a constituiu como esfera e ação autônoma na sociedade, do sujeito da modernidade e destruída as noções de gosto e de obra de arte. Herkenhoff reconhece,

aponta e reinventa a beleza da natureza ameaçada pelo modo de uso do espaço urbano. Nesta intervenção a beleza e a contundência crítica de sua obra resistem pela inteligência e pela arte procurando preservar e encantar a vida e a cidade onde a destruição está próxima. A vingança de Herkenhoff é que ele se mantém ativo e mais intensamente provocativo, sedutor “sem jamais perder a ternura”. Como resistir aos seus temas e enfoques sobre futebol, praias, flores, destruição da natureza?

As flores, muitas em seus vãos coloridos, deslocadas de seu espaço natural além de seduzirem e alegrarem qualquer olhar modifica e ameaça o que já existia modificado pelo homem, num incansável círculo. Ele enche de cores e movimentos que nos obrigam a sair do nosso imobilismo e exigir a vida e negar a domesticação dos espaços. Setembro, no mês que se anuncia a primavera e as cores invadem os jardins, um alento é que as mudanças climáticas e a destruição ambiental não impedem a presença das flores e a exposição de Herkenhoff nos presenteia o viver com as flores e o pensamento.

O que Herkenhoff nos apresenta é resultado de mudanças, destruições, recomeços e outros começos. O horror da destruição da natureza é sempre apresentado a partir de um refinado diálogo da técnica com a estética. Sim, não somos eternos, não somos imutáveis, não somos permanentes. Herkenhoff dialoga com modernistas e conversa alegremente com diversos artistas, tempos, estilos. Inquieto e inquietante se diverte e nos convidar a repetir a natureza resistindo, renascendo, reflorestando. Ele é um rigoroso e criativo herdeiro de uma vasta obra que emerge nos anos 20 e se torna irreversível nos anos 60, estudando, estabelecendo o exercício diário com o campo, presença nos lugares de criação e exposição. Principalmente ousadia e capacidade de diálogo.

Em sua obra existe a emoção, a determinação e o impulso, mas sem o investimento massivo construído no conhecimento e na competência e refinamento da técnica não seria relevante e não sobreviveria. Ele nos traz uma trajetória em cores quentes, muita tinta em sucessivas camadas e tensões explícitas, e ressalta a “sujeira da pintura”, trabalha a natureza, o corpo (o rosto se destaca) e as texturas. Vivemos um tempo profissional, intelectual e estético em que o ambiente urbano exige a presença do momento político e social brasileiro, ele não é simplista.

Neste tempo de novas tecnologias, inserção comercial e de trocas de experiências obriga o artista brasileiro a fazer parte do cenário artístico mundial, conhecer ou estabelecer vínculos com os processos e técnicas mais usuais nos ambientes artísticos sem desconhecer ou desconsiderar os debates internacionais, as antigas Bienais e os Salões não bastam e as redes e comunidades eletrônicas não preenchem todo processo interacional.

Herkenhoff faz parte desta geração que se encontra em galerias, bienais, botequins, nas redes informacionais e nos aeroportos. Um estilo que não esquece, ou “faz referência” a um momento único de criação e curiosidade com a competência das técnicas e dos experimentos dos materiais. Os anos 80 certamente estão presentes, mas seus trabalhos não são memoráveis, eles conversam com a conjuntura enfatizando o novo a ser encontrado naquilo que chamaram de “retorno à pintura” no início dos anos 80 quando ainda não vivíamos submetidos à domesticadora supremacia do mercado. Suas memórias são vivas, presentes, pululantes, não conseguimos eliminar.

Empenhado em construir, destruir, refazer, ressignificar ele é incansável, parece insatisfeito e ter medo ou vontade de não considerar nenhum trabalho pronto. A destruição produz e se mantém no horror. Nossa capacidade de enfrentá-la parece se modificar, o que é no mínimo alentador. Na destruição da natureza que ele identifica e tenta reverter produzindo outras possibilidades, ele constrói, ele se diverte, pensa, experimenta formas e materiais, ele faz um esforço no sentido de possibilitar uma existência mais bela e possível, empenha-se em evitar a dor e o sofrimento, mesmo sabendo que a sedutora Baía da Guanabara está seriamente condenada e suja. Em certa medida, o trabalho de Herkenhoff tem um pouco de desejos, contradições e utopias que constituem o Brasil com generosidade, intensidade, sensualidade e afeto em formas e camadas de tintas.

Nilson Moraes



Exposições Individuais

2019 Diversas - Espaço Zagut - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
2014 Desenhos - Caixa Preta - Rio de Janeiro RJ, Brasil
2012 Mais papéis - SESC Três Rios - Três Rios / RJ, Brasil
2010 Poemas Cariocas - Ernani Espaço de Arte e Cultura - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
2007 Papeis 1987 - 2007 Galeria de Arte Toulouse - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
2006 Novas Aquisições Galeria de Arte Toulouse - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
2006 Flores - Memorial de Cachoeiro do Itapemirim - Cachoeiro do Itapemirim / ES, Brasil
1998 Trabalhos Recentes - Museu do Paço Imperial - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
1998 Brasil - Reflexão 97 - A arte Contemporânea da Gravura - Museu Metropolitan - Curitiba / PR, Brasil
1997 Aquarelas - Centro Cultural Tristão de Athayde - Petrópolis / RJ, Brasil
1997 O grande painel - Galeria Homero Massena - Vitória / ES, Brasil
1996 Pinturas Amarelas Centro Cultural da Light - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
1995 Memorial de Cachoeiro de Itapemirim - Cachoeiro de Itapemirim / ES, Brasil
1993 Casa Laura Alvim - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
1993 Galeria Homero Massena - Vitória / ES, Brasil
1993 Centro Cultural Cândido Mendes - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
1992 Espaço Estudantil da Universidade - UFES - Vitória / ES, Brasil
1991 Galeria Itaú - São Paulo / SP, Brasil
1991 Centro Cultural Cândido Mendes - Grande Galeria - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
1990 Quase 300 nomes - Galeria de Arte e Pesquisa UFES - Vitória / ES, Brasil
1989 Galeria Contemporânea - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
1988 Galeria Itaú - Vitória / ES, Brasil

Exposições Coletivas

2019 Tipografia Galeria - Coletiva de Inauguração
2019 Futebol urgente - Galeria Zagut - Rio de Janeiro / RJ
2019 Doação D - Galeria Zagut - Rio de Janeiro / RJ
2018 Geração 80 - Galeria Zagut - Rio de Janeiro / RJ
2018 Cidade Maravilhosa - Galeria Zagut - Rio de Janeiro / RJ
2018 Futebol metalinguagem - Centro Cultural Calouste Gulbenkian - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
2018 40 anos da Oficina de Gravura / Museu do Ingá- Niteroi RJ
2017 Abraço Coletivo - Saracura - Rio de Janeiro / RJ
2016 Ocupa Carambola - Canto da Carambola - Rio de Janeiro / RJ, Brasil - curadoria Marcio Zardo
2014 Bola na rede 2 - Fayga Ostrower Galeria - FUNarteE - Brasilia/DF, Brasil -
curadoria Sonia Salcedo del Castillo e Fernando Cocchiarale
2014 ENTRECOPAS - Coleção Chagas Freitas - Museu de Brasília - Brasilia / DF, Brasil
2014 No campo da arte - Galeria Patricia Costa - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
2014 Jogo das artes - Centro Cultural Calouste Gulbenkian - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
2014 Centro Cultural da Light - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
2013 Rioitavacima - Galeria Helio Rocha - Rio de Janeiro / RJ, Brasil - curadoria Sonia Salcedo del Castillo 2013
Bola na rede - Fayga Ostrower Galeria - FUNARTE - Brasilia/DF, Brasil -
curadoria Sonia Salcedo del Castillo e Fernando Cocchiarale
2012 Camiseta Educação no 43 - A Gentil Carioca Galeria - Rio de Janeiro / RJ, Brasil

2009 Projeto Radiovisual - 7a Bienal do Mercosul - Porto Alegre / RS, Brasil - curadoria Laura Lima
2007 Bridge Art Fair Miami - convidado pela Galeria de Arte Toulouse, Miami FL, USA
2007 Expressões da Terra - Palácio Bernardino Monteiro - Cachoeiro de Itapemirim / ES, Brasil
2006 ArteBo Feira de Arte Internacional, convidado pela galeria de Arte Toulouse - Bogotá, Colombia
2003 Conexão Petrópolis - Museu Imperial - Petrópolis / RJ, Brasil - curadoria Sonia Salcedo del Castillo e Neno del Castillo
1995 Coleção Monica e George Kornis - Museu do Paço Imperial - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
1995 Salão Nacional de Artes plásticas. Prêmio Viagem ao exterior - Funarte Rio de Janeiro / RJ
1995 Dezoito - 15 Anos do Centro Cultural Cândido Mendes - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
1994 Quatro Quadros - Centro Cultural Cândido Mendes - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
1994 Imagens Indomáveis - Escola de Artes Visuais do Parque Lage - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
1994 100 Anos de Arte do Futebol - Museu nacional de Belas Artes - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
1993 XIII Salão Nacional de Artes Plásticas - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
1992 Projeto Cartão Postal "Visões de Vitória" - Galeria de Arte e Pesquisa da UFES - Vitória /ES, Brasil
1991 Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV) - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
1989 VII Salão de Arte Contemporânea de São Paulo - São Paulo / SP, Brasil
1989 Novos Novos - Galeria Rio Business Center Galeria - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
1989 13 Salão Carioca - RioArte - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
1988 12 Salão de Arte Universitária, para pintura (UFRJ) - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
1987 V Salão Ferroviário (RFFSA) - prêmio de pintura - Rio de Janeiro / RJ, Brasil
1986 I Salão Capixaba de Artes Plásticas - Vitória / ES, Brasil

Coleções

Adriana Tabalipa e Marcus André - Búzios / RJ
Ana Matoso - Rio de Janeiro / RJ
André Sheik - Rio de Janeiro / RJ
Anna Braga - Rio de Janeiro / RJ
Armando Simões de Castro Filho - São Paulo / SP
Arnaldo Brenha - Rio de Janeiro / RJ
Arnaldo Collocci - Paraty / RJ
Bernardo Guilherme - Rio de Janeiro / RJ
Bernardo Stambowsky - Rio de Janeiro / RJ
Bernardo Valansi - Rio de Janeiro / RJ
Bianca Bernardo - Rio de Janeiro / RJ
Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro / RJ
Botafogo Futebol e Regatas - Rio de Janeiro / RJ
Bruno B.H. Vieira - São Paulo / SP
Carlito Rodrigues - Rio de Janeiro / RJ
Carlos Shlesinger - Nova York - EUA
Celso Rubinstein - Rio de Janeiro / RJ
Celso Taddei - Rio de Janeiro / RJ
Chagas Freitas - Brasília / DF
Cildo Meirelles - Rio de Janeiro / RJ
Clarisse Tarran - Rio de Janeiro / RJ
Claudia Alencar - Rio de Janeiro / RJ

Claudia Watkins - Teresópolis / RJ
 Claudio Valansi - Rio de Janeiro / RJ
 Daniel Senise - Rio de Janeiro / RJ
 Dencir Martins - Rio de Janeiro / RJ
 Dietrich Kashner - Vitória / ES
 Débora Carneiro da Cunha - Rio de Janeiro / RJ
 Eduardo Gonçalves (Tostão) - Belo Horizonte / MG
 Eduardo Guise - Rio de Janeiro / RJ
 Eliane Duarte (in memorian)
 Ester Jablonski - Rio de Janeiro / RJ
 Fabiano Santos - Rio de Janeiro / RJ
 Família Herkenhoff
 Felipe Barbosa - Rio de Janeiro / RJ
 Fernando Brum - Rio de Janeiro / RJ
 Fernando Cocchiarale - Rio de Janeiro / RJ
 Fernando Mendonça - Rio de Janeiro / RJ
 Francisco Pimenta - Famalicão - Portugal
 Franklin Toscano - Rio de Janeiro / RJ
 Funarte - Rio de Janeiro / RJ
 Galeria de Arte Toulouse - Rio de Janeiro / RJ
 Gilberto Chateaubriand - Museu de Arte Moderna -
 Rio de Janeiro / RJ
 Gustavo Moreira de Souza - New York - EUA
 Hilal Sami Hilal - Vitória / ES
 Horácio Ernani IV - Rio de Janeiro / RJ
 Isabela Simões - Rio de Janeiro / RJ
 Jeffrey Eisenband - Miami / EUA
 Joel Gama - Rio de Janeiro / RJ
 Jorge Barrão - Rio de Janeiro / RJ
 Jorge Duarte - Rio de Janeiro / RJ
 Jose Carlos Meneguetti - Rio de Janeiro / RJ
 José Lavigne - Rio de Janeiro / RJ
 José Marcos Moura - Rio de Janeiro / RJ
 José Wilker (in memorian) - Rio de Janeiro / RJ
 Jozias Benedicto - Rio de Janeiro / RJ
 João Gilberto (in memorian)
 João Moraes - Vitória / ES
 João Saboia - Resende / RJ
 Juliano Guilherme - Rio de Janeiro / RJ
 Leonardo Ferraz - Rio de Janeiro / RJ
 Lia do Rio - Rio de Janeiro / RJ
 Luiz Carlos Borges - Rio de Janeiro / RJ
 Luizinho Lemos (in memorian)
 Marcelo Catalano - Rio de Janeiro / RJ
 Marcio Wilson - Rio de Janeiro / RJ
 Marcio Zardo - Rio de Janeiro / RJ
 Marco Rodrigues - Rio de Janeiro / RJ
 Marcus Ferraço Cachociro de Itapemirim / ES
 Mario Esteves Filho - Rio de Janeiro / RJ
 Mario Prioste - Rio de Janeiro / RJ
 Max Valansi - Rio de Janeiro / RJ
 Melissa Viana - Brasília / DF
 Miúcha (in memorian)
 Monica e George Kornis - Rio de Janeiro / RJ
 Nilton Pinho - Rio de Janeiro / RJ
 Nina Costa - Rio de Janeiro / RJ
 Osmar Pinheiro (in memorian)
 Osvaldo Carvalho - Rio de Janeiro / RJ
 Paulo César Caju - São Paulo / SP
 Pedro Silveira - Rio de Janeiro / RJ
 Prefeitura de Cachociro de Itapemirim / ES
 Raimundo Rodriguez - Rio de Janeiro / RJ
 Ranieri Mazzilli Neto - Rio de Janeiro / RJ
 Raul Mourão - Rio de Janeiro / RJ
 Regina Destefani - Vitória / ES
 Regina Martelli - Rio de Janeiro / RJ
 Renato Bezerra de Mello - Rio de Janeiro / RJ
 Museu Ferroviário - RFFSA / Juiz de Fora / RJ
 Robinson Oliveira - Rio de Janeiro / RJ
 Ronaldo Dominguez - Vitória / ES
 Rosana Perin - Vitória / ES
 Sandra Jardimobsky - São Paulo / SP
 Sergio Pugliese - São Paulo / SP
 Universidade Federal do Espírito Santo - Vitória / ES
 Victor Arruda - Rio de Janeiro / RJ
 Wagner Barja - Brasília / DF
 Waldemar Boff - Petrópolis / RJ
 Zeno Cunha - Lisboa / Algarve - Portugal
 Zyan Zein - Rio de Janeiro / RJ
 Zé Iguino - Niterói / RJ

Publicações

ArteBo'07, Catálogo da 3ª edição da Feira
 Internacional de Arte de Bogota, Colombia
 ArteBo'06, Catálogo da 2ª edição da Feira
 Internacional de Arte de Bogota, Colombia
 XV Salão Nacional de Artes Plásticas -
 Augusto Herkenhoff, Ministério da Cultura e
 FUNARTE, 2000, Rio de Janeiro, Brasil



A Zagut é um espaço de arte e de saúde, que trabalha de forma a que essas duas áreas interdisciplinares se aproximem. O foco curatorial da galeria é o diálogo entre artistas e o público, em especial o intergeracional, aproximando pessoas através de reflexões construídas em conjunto.

Textos

André Sheik
Bianca Bernardo
Clarisse Tarran
Fernando Cocchiarale
Luiz Carlos Borges
Nilson Moraes

Conceito da exposição

Isabela Simões

Programação Visual

Fernando Brum

Fotografias

Evaldo Macedo
Edu Monteiro
André Pinnola

Impressão

Grupo Editorial ZIT

Tiragem de 500 exemplares
Papel Couché 150g

“DIVERSAS”

de 12 setembro a 12 novembro 2019
Galeria Zagut

augustoherkenhoff@gmail.com
www.augustoherkenhoff.com
contato.zagut@gmail.com
www.espacozagut.com

ZAGUT

Shopping Cassino Atlântico
Av. Atlântica 4240 - LJ 315
Copacabana - Rio de Janeiro
RJ - Brasil

ZIT